

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

MONTE ESPERANÇA:

MÚLTIPLOS OLHARES SOB O CONJUNTO RESIDENCIAL

RUBEM BERTA, PORTO ALEGRE/RS.

PORTO ALEGRE

2014

ANDERSON RIBEIRO DE FIGUEIREDO

**MONTE ESPERANÇA: MÚLTIPLOS OLHARES SOB O CONJUNTO
RESIDENCIAL RUBEM BERTA, PORTO ALEGRE/RS.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia. Departamento de Geografia. Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Cláudia Luiza Zefferino Pires

Co-orientador

Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich

Porto Alegre

2014

Dedico este trabalho à minha família - Ilza Ribeiro, Laudenir Figueiredo, Bruna Rodrigues, Bruno Figueiredo -, pelo apoio e companheirismo em todos os momentos.

RESUMO

As periferias das cidades e seus moradores são representadas por estigmas que se (re)produzem com marcas de um estereótipo imutável, através de valores depreciativos que atribuem a elas as mazelas da cidade. Contudo, é importante investigar se a cultura destas populações é formada apenas por carências e violências, como faz crer o discurso único – registrado como um geografismo – que é constituído para estes lugares. Nessa perspectiva, como o bairro Rubem Berta abrange uma área de grande extensão, com uma série de loteamentos, vilas e conjuntos habitacionais, cada um com suas especificidades, a presente pesquisa investiga os olhares que apreendem um desses conjuntos habitacionais, o Conjunto Residencial Rubem Berta – Porto Alegre, RS. Trata-se de um estudo de caso que faz uma análise a partir dos conceitos de lugar e paisagem, buscando compreender na percepção de moradores e lideranças e de não-moradores que trabalham no bairro os diferentes sentidos que estes indivíduos atribuem a este lugar. A abordagem do trabalho seguiu a linha da Geografia Cultural e Humanística como diretriz investigatória, baseando-se nos relatos locais, nos relatos não-locais, nos dados do IBGE e em reportagens jornalísticas, tendo como método a Análise de Discurso. As análises permitiram reconhecer que as experiências topofílicas coexistem em muitos casos com experiências topofóbicas, evidenciando, por meio destas vivências, uma infinidade de olhares sob o conjunto habitacional. Nesse sentido, o estudo permitiu a leitura do Conjunto Residencial Rubem Berta, não como o discurso único o expressa, ou seja, como algo homogêneo, mas sim como um lócus de pluralidades, de pensamentos, de ideias e ideais que expressam o conjunto habitacional como heterogeneidade, repleto de especificidades.

Palavras Chave: Conjunto Residencial Rubem Berta. Discurso. Topofilia. Topofobia.

ABSTRACT

The periphery of cities and their residents are represented by stigmas that are (re)produce with marks an immutable stereotype through derogatory values to assign to them the city's ills. However, it is important to investigate whether the culture of these populations is formed only by deprivation and violence, as does believe the only speech – registered as a geographism – which is made for these places. In this perspective, as the Rubem Berta neighborhood covers a large expanse of area, with a number of settlements, villages and housing developments, each with its specific features, this research investigates the looks seizing one of these housing complexes, the Residential Complex Rubem Berta – Porto Alegre, RS. This is a case study that analyzes based on the concepts of place and landscape, trying to understand the perception of residents and leaders and non-residents (who work in the neighborhood) the different meanings that these individuals attribute to this place. The approach to work followed the line of the Cultural and Humanistic Geography as investigative directive, based on local reports, the non-local reports, the IBGE data and newspaper reports, with the method Discourse Analysis. The analysis allows to recognize that topophilic experiences coexist in many cases with topophobic experiences, showing, through these experiences, an infinity of looks in the housing complex. In this sense, the study allowed the reading of the Residential Complex Rubem Berta, not as the only speech expresses, that is, as something homogeneous, but as a locus of pluralities of thoughts, ideas and ideals that express the housing as heterogeneity, full of specifics.

Keywords: Residential Complex Rubem Berta. Discourse. Topophilia. Topophobia.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização da área de estudo: Conjunto Residencial Rubem Berta, Porto Alegre, RS.....	12
Mapa 2 – Núcleos habitacionais do Conjunto Residencial Rubem Berta.....	15
Mapa 3 – Delimitação dos setores censitários do IBGE: Conjunto Residencial Rubem Berta, POA/RS	34
Mapa 4 – Pessoas residentes e rendimento nominal mensal dos domicílios particulares: Conjunto Residencial Rubem Berta, Porto Alegre, RS	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Núcleos habitacionais e as “garagens” do Conjunto Residencial Rubem Berta, Porto Alegre/RS.....	13
Figura 2 – Fluxograma dos procedimentos metodológicos	32
Figura 3 – Mutirão de regularização de imóveis da Cohab	38
Figura 4 – Pirâmide etária dos moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta, Porto Alegre/RS	39
Figura 5 – Moradores do bloco Monte Esperança e a mobilização para a conclusão das obras.....	44
Figura 6 – Condição dos apartamentos (carijós) situados na porção sul do Conjunto Residencial Rubem Berta no ano de 1989.....	46
Figura 7 – Reportagens do Jornal Zero Hora registrando as necessidades dos ocupantes de um lugar para morar	48
Figura 8 – Reportagens do Jornal Zero Hora registrando os problemas oriundos da má gestão dos órgãos públicos.....	49

Figura 9 – Fotografias registradas pelo jornal Zero Hora dos policiais no controle das ocupações.....	50
Figura 10 – Fotografias registradas pelo jornal Zero Hora dos policiais no controle das ocupações.....	51
Figura 11 – Crianças brincando no Conjunto Residencial Rubem Berta.....	53
Figura 12 – Criança no Ponto de Cultura Rubem Berta.....	54
Figura 13 – Grafiteiros e sua arte registrando suas marcas no lugar.....	55
Figura 14 – Grafiteiros e a arte do grafite.....	56
Figura 15 – Rádio comunitária da AMORB (presidente da associação, Cleusi Coelho da Rosa, fazendo o seu programa na rádio).....	57
Figura 16 – Moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta prestigiando o evento “Cohab é só rap”.....	58
Figura 17 – “Cohab é só rap” e a participação das mulheres no evento.....	58
Figura 18 – Grafite do Projeto Colorindo a Cohab do Núcleo Urbanóide no Conjunto Residencial Rubem Berta, em paralelo com o “Cohab é só rap”.....	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Porto Alegre e os cinco bairros com maior incidência de óbitos.....	17
Tabela 2 – Descrição dos setores censitários do IBGE: Conjunto Residencial Rubem Berta, POA/RS.....	34
Tabela 3 – Condição de ocupação dos domicílios particulares permanentes do Conjunto Residencial Rubem Berta, POA/RS.....	37
Tabela 4 – Ocupações de Conjuntos Habitacionais no Rio Grande do Sul no ano de 1987.....	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	19
2.1 A construção do estereótipo: geografismos	19
2.2 A violência sob suas múltiplas formas	23
2.3 Lugar e paisagem: leitura de percepções	27
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	31
3.2 Procedimentos metodológicos	31
3.2.1 Visão socioeconômica	33
3.2.2 Análise de reportagens	35
3.2.3 Entrevistas	36
4 CONJUNTO RESIDENCIAL RUBEM BERTA: MÚLTIPLOS OLHARES E DISCURSOS.....	37
4.1 Condições socioeconômicas no Conjunto Residencial Rubem Berta	37
4.2 O Conjunto Residencial Rubem Berta sob múltiplos olhares	42
4.2.1 Monte Esperança: a ocupação da Cohab Rubem Berta	42
4.2.2 O Conjunto Residencial Rubem Berta como topofilia	52
4.2.3 O Conjunto Residencial Rubem Berta como topofobia	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
6 REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

Sempre há um lugar para se chegar ou se partir. E sempre há necessidade de se saber o sentido que se atribui a este lugar.

Livia de Oliveira.

O século XXI pode ser caracterizado por uma série de crises, as quais penetram todas as esferas, sejam elas sociais, culturais, econômicas, políticas e ambientais - advindas do sistema capitalista que prega o padrão de consumo desenfreado, a lógica do lucro a qualquer custo e a competitividade. Segundo Milton Santos (2011, p. 24) “o processo da crise é permanente, o que temos são crises sucessivas”. A crise social se deve a esta lógica de mercado que se desenvolve sobre inúmeros aspectos nocivos à sociedade, a tudo que é humano.

A violência é compreendida aqui como um produto desta competitividade, “sugerida pela produção e pelo consumo”, e abordada como uma “violência estrutural, facilmente visível nas formas de agir dos Estados, das empresas e dos indivíduos” (SANTOS, 2011, p. 27). A violência parte, primeiramente, dos grandes e opulentos, que tem a origem da sua grandeza – e a perpetuação dela – alicerçadas na violência e espoliação a que submetem perversamente as classes pobres. Contudo, colocar estereótipos sobre determinados lugares contribui para distinguir os lugares violentos dos privilegiados, marcando as diferenças entre as classes sociais no espaço.

Assim, buscando uma denominação para os espaços urbanos que não são privilegiados, espaços que são, sobretudo, “abandonados e desmembrados”, Michael Schwarzer (*apud* BAUMAN, 2009, p. 26) chama de “zonas fantasmas” estes lugares nos quais “os pesadelos substituem os sonhos, e perigo e violência são mais comuns que em outros lugares”. As “zonas fantasmas” não são habitadas por fantasmas, porém, salientam que as pessoas que nela residem são tratadas como se não fossem humanos, ou, como se fossem mortos, fantasmas. O termo permite apreender que tais pessoas são imóveis perante a qualquer tipo de posicionamento político e cultural. Todavia, essas pessoas são de pele, carne e osso, e não os fantasmas de Michael Schwarzer e, por isso, lutam todos os dias e sentem as dificuldades de se afirmarem no lugar.

Nesse sentido considero que o Conjunto Habitacional Rubem Berta pode ser caracterizado por muitos como uma “zona fantasma”. Entretanto, tal adjetivação apresenta um aspecto muito interessante: o distanciamento destas pessoas que atribuem tal significado com relação ao lugar que recebe significação e, não só o lugar, mas, principalmente, as pessoas que o constroem. Por isso, a intenção do trabalho não é negar a COHAB Rubem Berta como uma “zona fantasma”, não é fechar os olhos para o intenso tráfico de drogas e para a violência que ali ocorre. Contudo, pretende-se questionar a visão superficial que atribui a determinados lugares da cidade – as periferias – uma violência compreendida como característica intrínseca das pessoas que as habitam, como se fosse um fenômeno “natural” e como se estas pessoas estivessem “naturalmente” mais propensas a serem violentas. Em contraponto, afirma-se a violência enquanto produto social, fruto de relações assimétricas.

Este trabalho busca “saber o sentido que se atribui a este lugar” (OLIVEIRA, 2012), pois deste lugar, neste lugar e com ele, chega (ao mundo) grande número de pessoas, cada uma com um significado, que busca ser-no-mundo muito mais do que um fantasma, busca uma atuação no espaço, primeiro pela sobrevivência, depois pela felicidade.

Portanto, o presente trabalho investiga: o geografismo¹ da violência que se faz sobre o Conjunto Residencial Rubem Berta (COHAB – Rubem Berta) afeta os sujeitos que vivem neste lugar? Como este discurso da violência se coloca e qual sua influência na construção da identidade destes moradores? Têm-se como premissa que o geografismo da violência que se faz sobre este lugar afeta os sujeitos em diferentes intensidades. Todavia, tal discurso pode, por vezes, estar constituído de forma a não considerar a concepção dos moradores a respeito do lugar. Neste sentido, as percepções dos moradores podem ser tanto negativas quanto positivas, no entanto, constantemente mascaradas pelo discurso dominante.

¹ O geografismo é definido por Yves Lacoste (1988, p. 65) como “as metáforas que transformam em forças políticas, em atores ou heróis da história, porções do espaço terrestre ou, mais exatamente, os nomes dados (pelos geógrafos) a territórios mais ou menos extensos”.

Como objetivo geral pretende-se investigar como o discurso da violência é constituído para o Conjunto Habitacional Rubem Berta, buscando saber como ele impacta as relações de cotidianidade das pessoas e seu lugar.

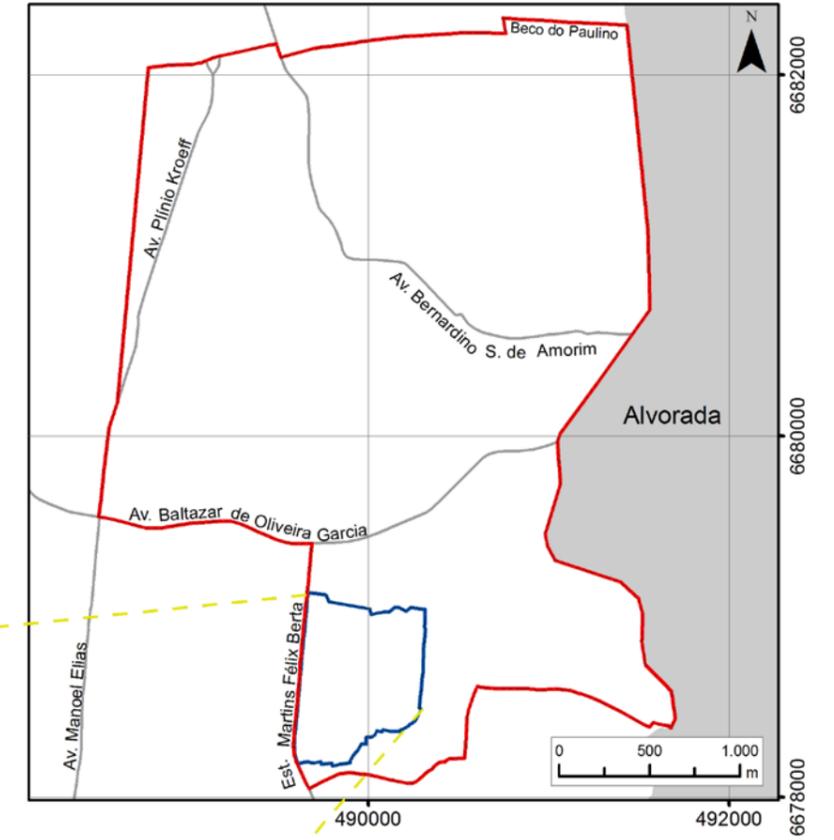
Para tanto, foram estruturados os objetivos específicos que seguem:

- Caracterizar a área de estudo (Conjunto Residencial Rubem Berta) a fim de possibilitar uma visão socioeconômica para conhecimento e contextualização.
- Compor um histórico da ocupação do Conjunto Residencial Rubem Berta e suas implicações no lugar.
- Investigar como o discurso da violência é constituído em reportagens jornalísticas e contrapor à percepção dos moradores a partir de entrevistas com os mesmos.

Neste contexto, é relevante afirmar que o bairro Rubem Berta, “criado e delimitado pela lei municipal nº 3159 de 09/07/1968”, abrange uma área de grande extensão. De acordo com a análise dos setores censitários² oriundos do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011), o bairro conta com uma população de 82260 pessoas, que representam cerca de 6% da população de Porto Alegre. Assim, o bairro engloba uma série de loteamentos, vilas e conjuntos habitacionais, cada um com as suas especificidades.

Por isso, o presente trabalho irá analisar um desses conjuntos habitacionais, o Conjunto Residencial Rubem Berta, também conhecido entre os moradores como a Cohab Rubem Berta. A área de estudo está situada na zona norte do município de Porto Alegre (Mapa 1);

² O IBGE (2011) define como setor censitário “a unidade territorial de controle cadastral da coleta, constituída por áreas contíguas, respeitando-se os limites da divisão político-administrativa, do quadro urbano e rural legal e de outras estruturas territoriais de interesse além dos parâmetros de dimensão mais adequados à operação de coleta”.



LEGENDA

-  Corpos d'água
-  Sistema viário

Limites

-  Bairro Rubem Berta
-  Conjunto Habitacional Rubem Berta (Cohab)

SISTEMA DE COORDENADAS UTM
SISTEMA DE REFERÊNCIA WGS 84
FUSO 22 S

**Mapa 1 - Localização da área de estudo:
Conjunto Residencial Rubem Berta (Cohab), Porto Alegre, RS.**



Orientadores:
Prof. Dra. Cláudia Luiza Zefferino Pires
Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich

Fonte:
Dados da Pesquisa (2014).

O Conjunto Residencial Rubem Berta tem, ao sul, o Morro Santana e a leste o Arroio Feijó. No seu entorno tem o bairro Mario Quintana ao sul, o Loteamento Timbaúva a leste, o Conjunto Jardim Leopoldina a oeste e habitações individuais ao norte.

A leitura dos setores censitários do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2011) mostra que a Cohab Rubem Berta tem uma população de 17562 moradores que residem tanto nos apartamentos como nas chamadas “garagens” (Figura 1), nas quais inúmeras pessoas fazem de sua moradia.

Figura 1 – Núcleos habitacionais e as “garagens” do Conjunto Residencial Rubem Berta, POA/RS.



Fotografia: Dados da Pesquisa (2014).

As “garagens” estão localizadas nas proximidades dos prédios residenciais e são assim denominadas pelos moradores, pois são utilizadas tanto como uma área para estacionar carros, como também, por muitos outros, como uma residência; ainda, há pessoas que as utilizam como ponto de comércio. A origem delas é

posterior à ocupação dos apartamentos, pois elas não estavam previstas no projeto do Conjunto Residencial e surgiram porque todos os apartamentos haviam sido ocupados e ainda haviam pessoas que necessitavam de moradias³.

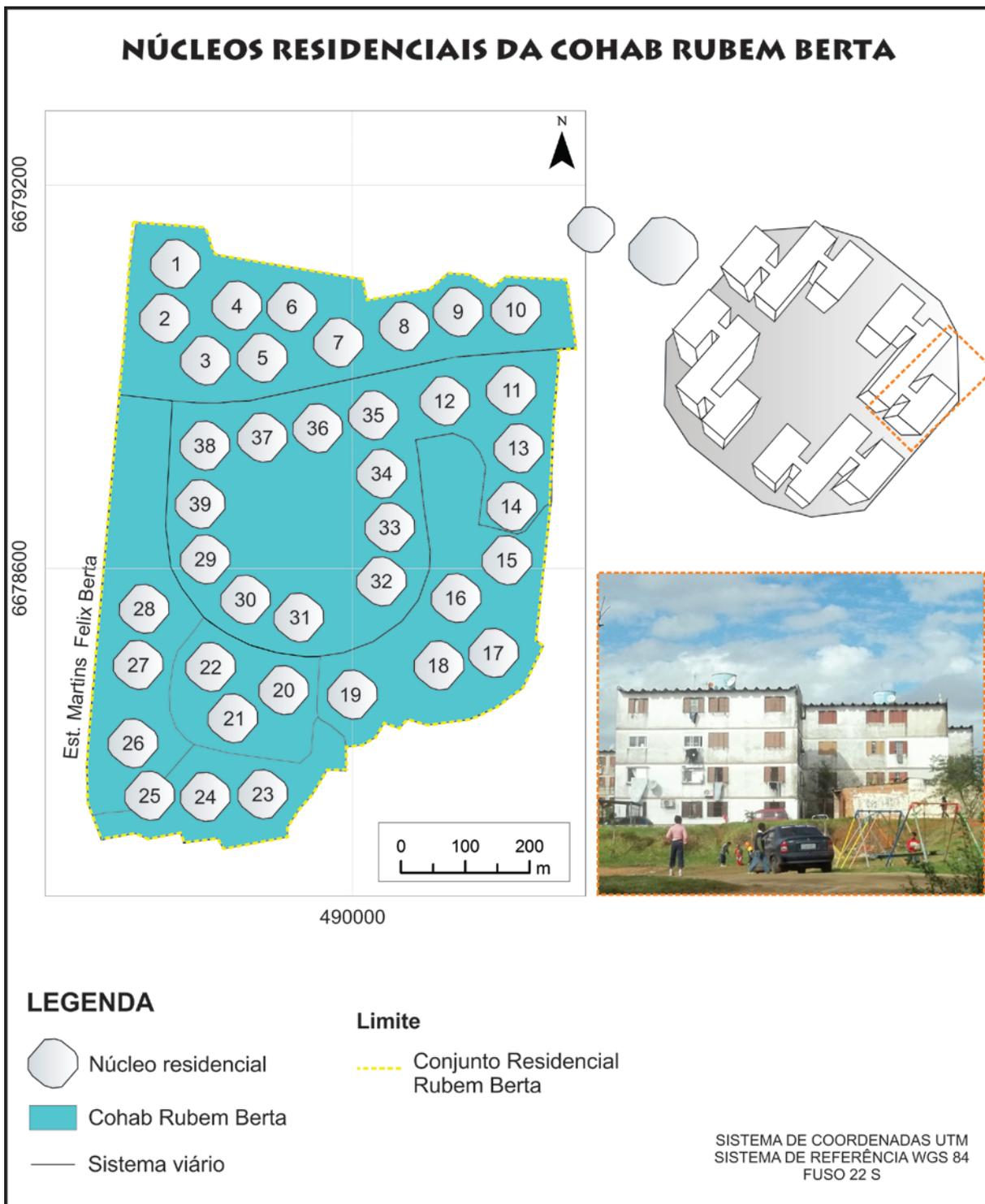
Os prédios foram construídos pela Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul (Cohab/RS) ao longo da década de 1970, no local de uma antiga fazenda e, devido a um período de crise a companhia declara falência. Rigatti (1999, p. 75) descreve brevemente a história de uso e ocupação do local antes da construção do conjunto, afirmando que

constitui-se numa região que passa de uma estrutura fundiária de fazendas, para chácaras de produção leiteira e, antes de serem incorporadas como áreas urbanizadas, usualmente permanecem como vazios urbanos, em mãos de um pequeno número de grandes proprietários fundiários, normalmente com fins especulativos.

³ O documentário Dasgaragens (NEP, 2005), elaborado pelo Núcleo de Estudos e Projetos do Departamento de Arquitetura da UFRGS, apresenta os relatos de algumas pessoas que fazem das “garagens” o seu lar, assim como as diferentes percepções a respeito destes locais.

O Conjunto Residencial Rubem Berta tem 39 núcleos residenciais (Mapa 2), que formam unidades que contem 4 blocos de edifícios e, cada bloco contém 32 apartamentos.

Mapa 2 – Núcleos habitacionais do Conjunto Residencial Rubem Berta.



O presente estudo salienta o interesse dos geógrafos pelo lugar e sua influência na construção de uma identidade, como colocado por Bossé,

Os geógrafos se interessam particularmente pela identidade dos lugares e pelos papéis que eles desempenham na formação de consciências individuais e coletivas. Observam como as pessoas, sujeitos e agentes geográficos recebem e percebem, constroem e reivindicam identidades cristalizadas em suas representações e em suas interpretações dos lugares e das relações espaciais. (BOSSÉ, 2004, p. 158).

Este interesse expresso na afirmação de Bossé compreende a justificativa e parte do objetivo do presente estudo. Nessa perspectiva, à luz da abordagem da geografia cultural, vê-se a importância de compreender as relações que se estabelecem entre os homens e seu espaço e suas decorrentes complexidades, como as múltiplas percepções e os diferentes discursos, buscando pluralidades e diferenças dentro de algo que é tido como homogêneo.

O enfoque do trabalho é o Lugar, isto é, se propõem a analisar a percepção de lugar dos moradores do bairro e a influência que tem o discurso predominantemente produzido/reproduzido a respeito destes na sua percepção. Assim, a reprodução deste discurso – produzido, principalmente, pela mídia, como nos jornais e reportagens televisivas – coloca o Conjunto Residencial Rubem Berta (Cohab) como um bairro violento e perigoso, o que acaba por concretizar um geografismo.

Edward Relph (2012, p.22) retrata um dos aspectos de lugar, o “lugar como reunião”, como um lugar que “reúne’ ou aglutina qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata, e o nome se refere a lugar de uma reunião específica e única”. Neste trabalho não é negado que o referido lugar Cohab é violento, perigoso e com um intenso tráfico de drogas, no entanto, questiona-se aqui, se neste bairro existe apenas o que o estereótipo coloca. Portanto, é o “lugar como reunião” que se pretende analisar, buscando as “qualidades, experiências e significados” que os moradores lhe atribuem e que destoam do discurso único.

Portanto, sabe-se que no bairro Rubem Berta, em que está inserido o Conjunto Residencial Rubem Berta, há uma alta incidência de violência. Ainda que os dados disponibilizados pelo IBGE (2011) abordem os óbitos ocorridos de agosto de 2009 a julho de 2010 como um todo, sem classificá-los como óbitos decorrentes

de doenças ou homicídios, por exemplo, pode-se evidenciar um elevado número de óbitos no bairro Rubem Berta, assim como em outros bairros periféricos, como a Restinga e o Sarandi. Os dados referentes aos “óbitos de pessoas que haviam residido com moradores dos domicílios particulares⁴, ocorridos de agosto de 2009 a julho de 2010” do IBGE (2011), em destaque os cinco bairros de maior incidência, são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 – Porto Alegre e os cinco bairros com maior incidência de óbitos.

Município e bairros	Óbitos dos moradores AGO/2009 a JUL/ 2010
Porto Alegre	9 260
Rubem Berta	583
Sarandi	521
Restinga	423
Partenon	311
Santa Teresa	308

Percebe-se, assim, que o bairro em estudo apresenta o maior número de óbitos dentre todos os bairros de Porto Alegre, o que evoca a necessidade de um estudo que se aprofunde na temática, buscando compreender as dinâmicas que atuam no referido bairro. Souza Júnior (2013), ao discorrer sobre a questão da violência a partir de uma abordagem geográfica, afirma que

A violência urbana, como materialização das práticas socioespaciais (individuais ou coletivas), corresponde a uma questão de interesse geográfico, na medida em que condiciona as práticas dos diferentes segmentos da sociedade, incluindo os sujeitos responsáveis por seu planejamento e ordenamento territorial. (SOUZA JÚNIOR, 2013, p. 292).

Neste sentido, é essencial a contribuição da abordagem geográfica na investigação da violência urbana, na busca do entendimento de quais práticas socioespaciais são condicionadas e quais os meios que as condicionam: meios de violência, discursos de violência, etc.

⁴ De acordo com o IBGE (2011, p. 18) o domicílio particular é o “domicílio onde o relacionamento entre os seus ocupantes era ditado por laços de parentesco, de dependência doméstica ou por normas de convivência”.

Permeia o desenvolvimento deste estudo a preocupação com relação à forma como é representado o lugar onde vive. Sobre a questão da diferença de lugares e dos dois fatores da representação, Bachelard (*apud* OLIVEIRA, 2012, p.6) afirma que

A diferença de lugares serve, às vezes, de base a uma diferenciação de objetos físicos entre eles (isto e aquilo) e a uma diferenciação entre pessoas (eu, tu, ele). A divisão entre os dois fatores da representação: o representado e o que representa (significado e significante) levam em si o germe de uma intuição espacial, denotando o caráter único ao tempo do tempo da irreversibilidade, que deverá permanecer obscuro.

Portanto, o conceito frequentemente posto para a Cohab é questionado neste trabalho, reivindicando, assim, a necessidade de rever/reler o que pode ser apreendido de tal lugar. Esta leitura, não tão somente embebida no que o discurso dita, mas também, buscando fora dele os significados que são negados quando da sua enunciação. Coloca-se neste trabalho a importância de abordar os discursos que não circulam no campo hegemônico, que ficam restritos aos grupos (como o caso em questão - periféricos), e que são repletos de significações para as pessoas que constroem/produzem estes lugares.

Neste sentido, desenvolve-se, a seguir, um referencial teórico-metodológico que busca refletir acerca das noções de geografismo, violência e de lugar e paisagens como instrumentos de leitura de percepções. Os procedimentos metodológicos são pensados com base em uma geografia humanística e cultural.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O referencial teórico tem como finalidade embasar as reflexões propostas pelo presente trabalho, a partir de bibliografias essenciais para o desenvolvimento do estudo em questão. Para tanto, serão discutidas as noções de geografismo, violência, lugar e paisagem, que compõem uma estrutura de pensamento. Busca-se a sistematização destas noções com o intuito de compreender que a constatação de geografismos grafam em muito a violência praticada/vivenciada no lugar e que este discurso único obscurece as inúmeras intencionalidades dos atores que o narram, bem como as práticas dos moradores que diferem da violência, como as práticas de cunho político e cultural. Nesta perspectiva, para a compreensão destas práticas, os conceitos de lugar e paisagem podem elucidá-las como instrumentos de leitura de percepções.

2.1 A construção do estereótipo: geografismos

Os lugares apresentam as marcas que as mulheres e os homens imprimem neles, pode-se afirmar que algumas destas se sobrepõem a outras. Todavia, parece inadequado eleger uma destas marcas e colocá-la numa posição tal que num determinado momento ela pareça ser a única. Abordando desta maneira a heterogeneidade como homogeneidade, ficando assim, ocultas as relações e vivências entre as pessoas que destoam desta homogeneidade construída. Por este motivo, o geógrafo francês Yves Lacoste cunhou o termo geografismos. Este se refere

[...] as metáforas que transformam em forças políticas, em atores ou heróis da história, porções do espaço terrestre ou, mais exatamente, os nomes dados (pelos geógrafos) a territórios mais ou menos extensos. Exemplos de geografismos: 'a Lorena luta, a Córsega se revolta, a Bretanha reivindica, o Norte produz isto ou aquilo, Paris tal ou tal influência, Lyon fabrica, etc' (LACOSTE, 1988, p. 65).

Lacoste contribui conotando uma noção espacial para a questão dos estereótipos, os quais, com o tempo e com o empenho empreendido no campo

discursivo⁵, acabam por se naturalizar. Assim, com a naturalização criada e consolidada, passa-se a aceitar e deixar de questionar o geografismo e, conseqüentemente, de se reivindicar um sentido para o lugar que se mostre diferente daquele já imposto. Considerando os aspectos conceituais de Yves Lacoste compreende-se que essas ideias podem ser observadas em outras escalas, como no exemplo da Cohab Rubem Berta. Essa compreensão parte em muito das representações da mídia e também de uma formação da geografia em sala de aula que ainda associa o espaço a uma metáfora de representação dos sujeitos. Os geografismos são reais, e como afirma o autor “designam os homens que vivem nessas cidades e nessas regiões”, entretanto, eles constituem uma parte de um todo e, muitas vezes, esta parte não representa um todo que é repleto de especificidades.

Nesse sentido, Lacoste questiona a naturalização dos geografismos e chama a atenção para o cuidado que se deve ter na leitura destes, pois

[...] esses malabarismos de estilo não são assim tão inocentes como podem parecer à primeira vista, pois eles permitem escamotear as diferenças e contradições entre os diversos grupos sociais que se encontram nesses lugares ou sobre esses territórios. (LACOSTE, 1988, p. 65).

Salienta-se, assim, o escamoteamento como um elemento-chave para a compreensão dos geografismos na sua totalidade. Ora se apresenta este elemento-chave apenas como uma consequência inevitável desencadeada pelos geografismos, ora constitui o fundamento próprio no qual se assenta a origem destes estereótipos [como *conditio sine qua non*].

Portanto, requer-se uma análise acurada, pois se faz muito importante identificar o que se quer escamoteado e o(s) interesse(s) que motiva(m) e invoca(m) a formação dos estereótipos. A ideia de refletir sobre os geografismos e sua

⁵ De acordo com James Duncan (2004, p. 103) o campo discursivo pode ser compreendido como “uma classe de discursos opostos constituídos por um conjunto de narrativas, conceitos e ideologias relevantes para um domínio particular de práticas sociais”.

construção lembra que investigar um fenômeno sem pensar a essência⁶ que o (re)produz é, certamente, um caminho falho.

Percebe-se, assim, que os geografismos produzem uma série de desdobramentos, tanto pelos estigmas que criam/registram e a consequente influência na população e no espaço estigmatizado, como pelas formas de sociabilidade que mascaram e, finalmente, as ações de intervenção que ele requer, ou seja, as estratégias elaboradas – pelo Estado⁷, empresas e/ou indivíduos – para combatê-lo ou fortalecê-lo.

Nesse sentido, o discurso é um instrumento de análise que possibilita um enriquecimento teórico-metodológico muito amplo para a geografia. É importante salientar que nesse processo se recorra à noção de identidade e de discursos como elementos que possuem uma relação estreita entre si e que formam a base sob a qual se desenvolvem muitos geografismos.

A identidade é um conceito de fundamental importância nos estudos de geografia cultural e, por ser essencialmente um elemento de representação, guarda um forte vínculo com os geografismos. Por identidade entendemos

[...] uma construção social e histórica do 'próprio' [do *soi*, do *self*] e do 'outro', entidades que, longe de serem congeladas em uma permanência 'essencial', estão constante e reciprocamente engajadas e negociadas em relações de poder, de troca ou de confrontação, mais ou menos disputáveis e disputadas, que variam no tempo e no espaço (BOSSÉ, 2004, p. 163).

⁶ Para compreender a relação e a unidade que formam o fenômeno e a essência devemos recorrer a Karel Kosik (2011, p. 15), que afirma que “a essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos ou aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive apenas graças ao seu contrário. A essência não se dá imediatamente; é mediata ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é. A essência se manifesta no fenômeno. O fato de se manifestar no fenômeno revela seu movimento e demonstra que a essência não é inerte nem passiva. Justamente por isso o fenômeno revela a essência. A manifestação da essência é precisamente a atividade do fenômeno”.

⁷ Um exemplo recorrente na área de estudo em que o Estado como instituição intervém com ações estratégicas decorrentes do geografismo é a criação, no ano de 2011, em quatro bairros do município de Porto Alegre, entre eles o bairro Rubem Berta, de Territórios de Paz.

O referido autor interpreta a identidade como algo que se expressa e se constitui de maneira muito dinâmica e permeada por relações de poder, assim, permite inferir que, se as identidades são tão dinâmicas, também os geografismos devem ser, pois estes atuam como se fossem as marcas dessas identidades. Todavia, estas marcas identitárias expressadas pelos geografismos são marcas que “têm mais possibilidades de circular”, “maior poder para se fazerem conhecidas e aceitas” (APPLE, 1996, p. 34) e estão espacialmente delimitadas. Para Mathias Le Bossé (2004, p. 162) “a identidade se exprime e se comunica de maneira interna e externa, através de práticas simbólicas e discursivas”, nessa perspectiva, deve-se reconhecer a relevância que o geografismo assume, enquanto prática discursiva, no campo identitário.

Os discursos são extremamente relevantes pelo papel que desempenham nas relações que os homens estabelecem entre si e com o seu espaço; e interferem direta e indiretamente tanto no que diz respeito ao campo material como simbólico. A sua importância no âmbito da geografia tem sido amplamente discutida, principalmente pelo seu uso como um recurso para legitimar e manter intactas as estruturas sociais nas diferentes culturas. Por este motivo, provoca um embate entre geógrafos culturais, como James Duncan (2004, p. 104), que define os discursos como

a estrutura de inteligibilidade na qual todas as práticas são comunicadas, negociadas ou desafiadas. Eles são, ao mesmo tempo, recursos facilitadores e coações ou limites dentro dos quais determinados modos de pensamento e ação parecem naturais, e para além dos quais a maior parte daqueles que aprendeu a pensar dentro do discurso não pode facilmente aventurar-se.

A noção de Duncan sobre os discursos esboça e ilustra de maneira clara porque os geografismos podem ser compreendidos como uma prática de discurso e, principalmente, entendê-los como um constructo de um discurso. Enquanto o geografismo é um produto final que dificilmente é desconstruído, o discurso é o meio/fim que tanto o constrói como mantém sua existência.

Esta relação indissociável existente entre os geografismos, discursos e identidade pode ser encontrada no pensamento de Bossé (2004, p. 163), quando afirma que

[...] toda forma identitária apresenta-se como um equilíbrio de tensões entre o ser e o vir-a-ser: assim, o argumento identitário, como consciência e presença suscetível de mudar, de desaparecer ou de adaptar-se, tanto pode voltar-se para o passado como projetar-se no futuro.

Portanto, esta “fluidez” inerente a toda forma identitária se desenvolve de maneira diferenciada quando falamos de uma área na qual o geografismo atua, pois este pode impossibilitar a perspectiva do “vir-a-ser” quando é percebido como algo natural. Todavia, se podem imobilizar projeções de futuro, os geografismos também podem instigar perspectivas de mudança, ainda que esta possibilidade seja mais difícil de ocorrer, devido às limitações de pensamentos provocadas pelo geografismo.

2.2 A violência sob suas múltiplas formas

Primeiramente, discutimos a respeito dos geografismos como conceito e as consequências que são desencadeadas pelo seu uso. Agora, falaremos sobre o que é evidenciado (na área em estudo) pelo geografismo: a violência. A literatura que aborda o tema é, predominantemente, proveniente dos estudos sociológicos, como os de Hannah Arendt (1985), Octavio Ianni (2004), Nilo Odalia (2012), Tavares dos Santos (2009), Tavares dos Santos *et al.* (2011), Zygmunt Bauman (2009), Ruben Oliven (1986) e de filósofos como Slavoj Žižek (2014), que tem se empenhado no sentido de compreender como se origina e se desenvolve este fenômeno tão complexo que está presente no cotidiano de nossa sociedade.

Percebe-se, que os autores que abordam o tema são contundentes na afirmação de que a violência é oriunda de um processo de relações assimétricas, de desigualdades profundas. Nesse sentido, Oliven (1986, p. 17) aborda a violência como um “mecanismo de dominação por parte das classes dominantes” e, em contrapartida, como “uma estratégia de sobrevivência por parte das classes dominadas”. De acordo com o referido autor a violência exercida por parte das classes dominadas

não é praticada apenas para satisfazer necessidades econômicas, mas se reveste também de um caráter político já que também pretende, por parte de elementos das classes dominantes, recuperar parte do excedente daqueles por quem foram expropriadas. (OLIVEN, 1986, p. 17).

O pensamento do autor é facilmente visível dentro do sistema capitalista de produção, entretanto, Tavares dos Santos (2009, p. 20) atenta para a questão de uma crise de sociabilidade que, “chegando, no limite, às manifestações de violência, fenômenos que adquirem novos contornos e passando a disseminar-se por toda a sociedade, realizando-se como violência difusa”. Portanto, a noção de violência difusa denota uma modificação na temática da violência, que sugere tanto sua banalização, quanto uma complexidade ainda maior que adquire, pois não basta “remeter a violência às determinações econômicas ou políticas, ainda que permaneçam atuando como causas eficientes [...]” (TAVARES DOS SANTOS, 2009, p. 20).

Tavares dos Santos (2009) problematiza a violência no mundo globalizado através de uma sociologia da conflitualidade e permite compreender o fenômeno da violência como o fruto de um processo socioespacial que o autor denomina como “cidadania dilacerada”. Para o referido autor a violência seria

[...] a relação social, caracterizada pelo uso real ou virtual da força ou coerção que impede o reconhecimento do outro – pessoa, classe, gênero ou raça – provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática. (TAVARES DOS SANTOS, 2009, p. 16).

Esta compreensão de violência traz uma reflexão acerca dos variadas formas sob as quais ela se apresenta, ou seja, não apenas em sua forma última, como uma agressão física, mas sob suas múltiplas formas. Discutir sobre violência significa discutir sobre desigualdades sociais, violência institucionalizada, violência política, “costumeira, violência de gênero, violência sexual, racista, ecológica, simbólica e violência na escola” (TAVARES DOS SANTOS, 2009; ODALIA, 2012).

Na área de estudo a violência que mais se faz presente ou, a que é mais destacada nos discursos, é a decorrente do tráfico de drogas, isto é, por ser uma atividade ilícita deve usar de violência para se fazer aceita e também por se tratar de algo que sempre está suscetível de conquista dos pontos de tráfico por outros grupos. De acordo com Hannah Arendt (*apud* SOUZA, 2012, p. 80) “o domínio através da violência pura vem à baila quando o poder está em vias de ser perdido”, por este motivo, percebe-se em áreas dominadas por grupos de tráfico de drogas que a instabilidade dos pontos de tráfico e a possível conquista destes por outros grupos gera esta “violência pura”. A existência destes grupos tem forte vínculo com a

imposição de medo no “seu” território. Nesta perspectiva, o “capital do medo” (BAUMAN, 2009), que é explicitamente intensificado no discurso da mídia sensacionalista, contribui para perpetuar a representação de lugares violentos e auxilia, de certa forma, os grupos do tráfico de drogas a afirmarem o “seu” território como o “território do medo” (TAVARES DOS SANTOS *et al.*, 2011).

Discutir sobre a representação de lugares violentos exige uma reflexão sobre as regiões periféricas das metrópoles, pois são estas áreas sob as quais recai uma série de estigmas, constantemente retratadas como os lugares onde a violência é inerente as pessoas, como a afirmação de Odalia sobre estas regiões, o autor afirma que

[...] nos bairros em que abundam os pardieiros e favelas, a violência não pode ser escorraçada e evitada com cercas e muros. Ela é uma realidade com a qual se convive, uma realidade cuja proximidade e intimidade auxiliam esquecê-la. Ela é enfrentada como uma das tantas calamidades que se enfrentam no cotidiano. Sobreviver aí é sofrer e produzir violência (ODALIA, 2012, p. 12).

A afirmação de Nilo Odalia denota claramente a visão que se tem das áreas periféricas da cidade, como o lugar da violência, onde estão concentrados todos os problemas e todos os expurgos da sociedade. Em parte, não deixa de ser verdade, mas apenas em parte, pois sim, há uma maior concentração de problemas nas áreas periféricas, relacionados à infraestrutura e aos demais serviços básicos. Todavia, há uma série de aspectos positivos nestes lugares que, no entanto, não são retratados. Angelo Serpa (2011), ao abordar os bairros periféricos de Salvador, lembra que existem múltiplas manifestações culturais que se desenvolvem nestes lugares, a partir do trabalho de associações de moradores e organizações não governamentais, sem que haja necessidade de um auxílio institucional ou financeiro. Estas manifestações resultam de “ideias alternativas à cultura dominante, que se manifestam no dia a dia das áreas populares da metrópole”. De acordo com o autor, a valorização das ideias oriundas das culturas vernaculares seria

uma eficiente estratégia de desconstrução do estigma e do preconceito em relação a grupos socioeconomicamente frágeis, mas ricos e diversos no tocante ao capital cultural de que dispõem e reproduzem no seu cotidiano. (SERPA, 2011, p. 105).

Esta valorização das culturas vernaculares seria uma estratégia de grande importância para combater a ideia de que “não havendo uma solução para a

violência na vida cotidiana, o remédio é integrá-la como componente normal das relações entre os homens” (ODALIA, 2012, p. 12). Nesta perspectiva, Angelo Serpa atenta para a necessidade de qualificar os nossos estudos, com o intuito de tornar perceptível

aquilo que está oculto para a produção e o consumo cultural de massa. Trata-se de explicitar as manifestações da cultura popular em nossas cidades e suas formas de organização, resgatando o sentido lúcido e a ludicidade do urbano no período contemporâneo. (SERPA, 2011, p. 104).

Gamalho (2011), ao abordar a produção do espaço e as representações das periferias, com seu estudo de caso sobre o bairro Restinga, analisa não apenas o espaço concebido, mas também o espaço vivido, através das proximidades, solidariedades e lutas dos seus moradores. A autora afirma que as representações sociais acerca do referido bairro o expressam como um “lugar distante, carente de infraestrutura e preenchido por uma população marginalizada” (GAMALHO, 2011). Tais características, que se referem ao bairro Restinga, também podem ser relacionadas aos demais bairros periféricos e, por conseguinte, ao Conjunto Residencial Rubem Berta.

Portanto, no que diz respeito às periferias no campo das representações, estes lugares são abordados como carências, sejam elas econômicas, políticas e/ou culturais. Todavia, há pesquisas que manifestam outras possibilidades de leituras das periferias (sem necessariamente mascarar as carências destes lugares), como o trabalho de Angelo Serpa (2011).

Nesse sentido, é importante considerar que há uma série de distinções dentro dos bairros periféricos que, no entanto, são ignoradas e, por este motivo, “torna-se imprescindível desconfiar do senso comum, desconfiando da naturalização de uma sociedade hierarquizada” (GAMALHO, 2011). Conforme Gamalho e Heidrich (2011) afirmam

O termo periferia está presente no cotidiano da sociedade, aparece na mídia, avança no senso comum, é interpretado nos corpos e incorpora valores. É simultaneamente abstração, exercício teórico, político e ideológico e, materialidade, pois compõe o espaço vivido de determinado segmento social.

2.3 Lugar e paisagem: leitura de percepções

A leitura dos aportes de geografia humanística permite considerar que o lugar tem uma feição de paisagem, que lugar contém paisagem, assim como paisagem contém lugar⁸. Segundo Edward Relph (1979) a relação entre espaço, paisagem e lugar não é constante quando os abordamos como fenômenos experienciados, “lugares têm paisagens e paisagens e espaços têm lugares”. Neste trabalho, interpretamos que o Conjunto Residencial Rubem Berta pode ser apreendido pelos moradores como o lugar, que se constitui com um significado topofílico⁹ – assim como descrito por Yi-fu Tuan (2012), ou seja, como o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” –, e para os não-moradores como paisagem, que se constitui com um significado topofóbico.

O lugar assume grande relevância na abordagem da geografia humanística e cultural, pois é a partir dele que descobrimos o mundo e “onde as bases de nossa existência mundana e da nossa condição humana se estabelecem” (DARDEL *apud* RELPH, 1979, p. 16). O lugar, na concepção desta vertente do pensamento geográfico, remete ao vivido, ao espaço repleto de significações, de valores (não tão somente econômicos, materiais, mas também simbólicos, existenciais), ao “*locus* da reprodução da vida cotidiana, permeada por diferentes visões de mundo e diferenciadas ideias de ‘cultura’” (SERPA, 2011, p. 97).

Yi-fu Tuan (1983) compreende o lugar como espaço dotado de valor, afirmando que à medida que adquire definição e significado o espaço transforma-se em lugar, especificando que

O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa, cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 1983, p. 6).

⁸ Veja-se como exemplo da abordagem das relações entre os conceitos geográficos o estudo de Heidrich (2008) e Suertegaray (2000).

⁹ E para os não-moradores como paisagem, que se constitui com um significado topofóbico.

Contudo, Livia de Oliveira (2012, p. 5) expressa um olhar distinto acerca da relação entre tempo, lugar e movimento, quando afirma que podemos conceber o lugar como “tempo em espaço; ou seja, lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o lugar, o movimento, a matéria”. Relph (1979, p. 17), com um pensamento consoante ao de Yi-fu Tuan (1983), afirma que o lugar refere-se a um “tipo de experiência e envolvimento com o mundo, à necessidade de raízes e de segurança”, atribuindo um significado muito mais profundo e frutífero do que o lugar como “sentido geográfico de localização”.

De acordo Oliveira (2012, p. 15), podemos abordar o lugar em suas dimensões significativas, através de uma perspectiva geográfica, quando pensamos “a partir da experiência, do habitar, do falar e dos ritmos e transformações”. Nesse sentido, quando entendido como um campo onde se estabelecem as relações socioespaciais experienciais, o conceito permite apreender os diferentes sentidos, falas e vivências, que são essenciais para a compreensão dos discursos que circulam neste lugar e fora dele.

O lugar pode ter um caráter operacional, na tentativa de leitura de percepções¹⁰, pois se “expressa e condiciona a rotina, os confrontos, os conflitos e as dissonâncias”, por este motivo, permite “uma leitura da vida cotidiana, com seus ritmos e contradições” (CARLOS *apud* SERPA, 2011, p. 100). Portanto, percebe-se que o conceito possibilita uma ampla gama de aprofundamentos e compreensões, no campo experiencial, quando entendido como “centros de significado no espaço e paisagem” (TUAN *apud* RELPH, 1979, p. 8), como “centros a partir dos quais olhamos, metaforicamente pelo menos, através dos espaços e para as paisagens” (RELPH, 1979, p. 18).

Nesse sentido, o conceito de lugar como instrumento de estudo possibilita um amplo aprofundamento na compreensão das percepções e representações. Todavia, uma leitura mais ampla requer a análise de outras noções envolvidas neste processo. Por este motivo, é relevante discutir acerca do conceito de paisagem,

¹⁰ Para Yi-fu Tuan (2012, p.18), a percepção pode ser compreendida tanto como “a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”.

sobre o papel que ela desempenha no contínuo perceber/representar que é concebido/vivido/produzido/reproduzido no cotidiano das pessoas.

A paisagem recebe inúmeras acepções, que se referem tanto ao campo material, concreto, visível, quanto ao simbólico e, por vezes, os dois campos são abordados dialeticamente, sintetizando a relação entre sociedade-espço. Lugar e paisagem possuem grande afinidade entre si, porque ambos expressam infindáveis esferas de significados, experiências e proximidades, pois, como afirma Edward Relph (1979, p. 13), as paisagens “não somente possuem conteúdo e substâncias, mas também são os cenários significantes das experiências diárias e das excepcionais”.

Nesta perspectiva, Jean-Marc Besse (2006, p. 80) entende que a paisagem “é antes de mais nada a experiência da proximidade das coisas”. A afinidade entre os conceitos fica evidente quando entendemos que a paisagem também se refere – ainda que em um contexto/escala maior do que o lugar – a valores e a existência, ou seja, “a paisagem é da ordem do sentir”, ela pode ser “compreendida menos como um objeto do que como uma representação, um valor, uma dimensão do discurso e da vida humana, ou ainda, uma formação cultural” (BESSE, 2006, p. 78).

A paisagem, sob a ótica da geografia cultural, como instrumento que permite refletir acerca dos discursos (que ela veicula, condiciona e reproduz), é pensada de forma muito perspicaz por James Duncan (2004), que compreende a paisagem dentro de uma concepção semiótica, para o autor a paisagem é

um dos elementos centrais num sistema cultural, pois, como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado. (DUNCAN, 2004, p. 106).

A percepção da cultura e da produção cultural como um “sistema de criação de signos” que “está presente em todos os outros sistemas sociais, e que manifesta todos estes dentro de si mesma”, evita uma interpretação fragmentada da realidade e, por consequência, possibilita uma reflexão que busca aproximar-se de uma apreensão da totalidade (DUNCAN, 2004, p. 102).

A perspectiva esboçada por Duncan (2004, p. 103) propõe uma “abordagem interdisciplinar da cultura e da produção cultural que as vê não somente como um sistema de criação de signos, mas como textos que permitem múltiplas leituras”.

Esta visão possibilita que um leque de interpretações (de leituras) se abra diante de uma paisagem o que, *a priori*, evitaria uma leitura homogênea de algo que se apresenta heterogêneo. Isto não quer dizer que as leituras – do texto – necessariamente se complementem, ao contrário, muitas vezes se opõem formando um “campo discursivo”.

Portanto, a perspectiva metodológica que o autor aponta é engajada na leitura da paisagem. Para tanto, ele propõe que investiguemos a “significação da paisagem” e a “retórica da paisagem”. A primeira objetiva um questionamento do “que é significado pela paisagem”; já a segunda, trata da “maneira como esta significação ocorre”. Para compreender a “significação da paisagem”, segundo o autor, devemos investigar os relatos locais, os relatos não locais e averiguar a diferença entre os discursos, como última etapa, faz-se necessário interpretar o “sistema de significação subjacente à própria paisagem” (DUNCAN, 2004, p. 109).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

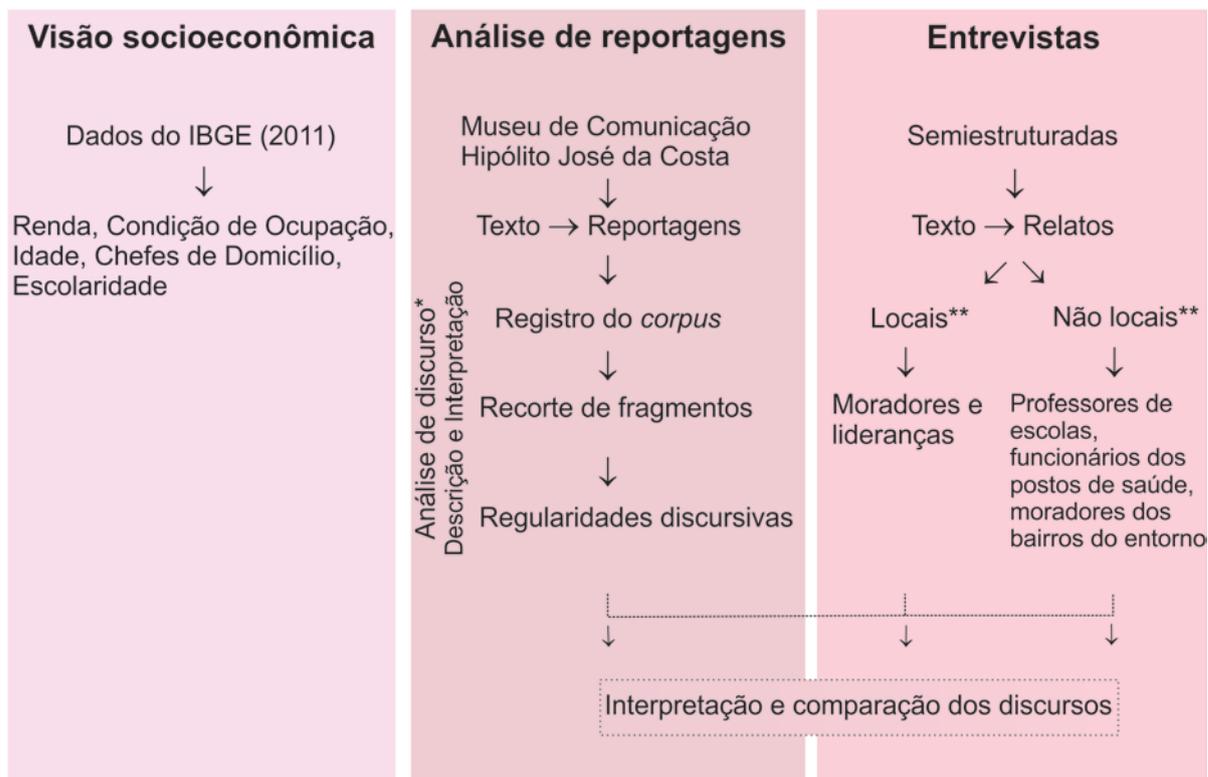
Paul Claval (2007) atribui como papel do geógrafo o estudo das “relações entre o homem e o ambiente, e entre homens” e, expõem as três fases deste trabalho: primeiramente, ele se dá “através da descrição do conjunto de ferramentas usadas, da língua falada e dos discursos”; num segundo momento, o geógrafo evidencia “a dimensão simbólica dos discursos, dos mitos e dos rituais”; numa terceira fase, ele examina “o que fornece as culturas, o seu conteúdo normativo” (CLAVAL, 2007, p. 9).

Yi-Fu Tuan (1982), um dos mais importantes pensadores, que contribuiu sobremaneira com o aporte teórico, afirma como uma aspiração desta vertente a busca por uma compreensão “do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar” (TUAN, 1982, p. 143). O autor sustenta como tarefa do geógrafo humanista a investigação de “como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano” e, afirma que para isto, deve trabalhar a luz de “interesses distintamente humanísticos, como a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar” (TUAN, 1982, p. 149).

3.2 Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos foram pensados com o intuito de compreender como se desenvolvem e atuam os campos discursivos que retratam a Cohab Rubem Berta e, de certa maneira, como influenciam os moradores. Para tanto, foram realizadas quatro etapas de trabalho: a contextualização das condições socioeconômicas na área de estudo, a análise de reportagens, as entrevistas e o trabalho de campo. A sistematização dos procedimentos adotados é ilustrada pelo fluxograma dos procedimentos metodológicos (Figura 2).

FLUXOGRAMA DOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



*Com base no estudo de Silva (2009).

** Com base no estudo de Duncan (2004).

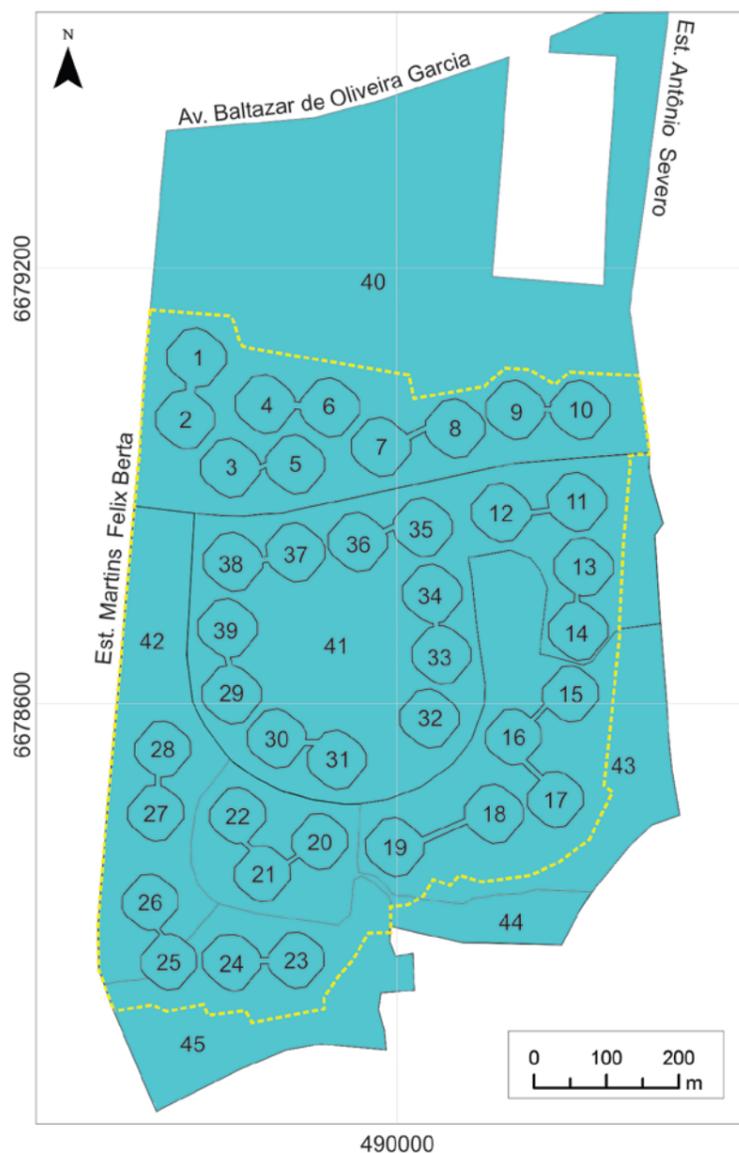
Figura 2 - Fluxograma dos procedimentos metodológicos.

3.2.1 Visão socioeconômica

Os dados socioeconômicos da Cohab Rubem Berta e do entorno foram elaborados a partir dos dados adquiridos através da Base de informações do Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2011). As informações foram agrupadas por setores censitários, estes foram disponibilizados numa malha vetorial em formato *shapfile*, já os dados com informações da população, no formato de tabelas *xls*.

Entretanto, algumas feições dos setores censitários necessitavam de correção, pois as delimitações não cruzavam com as ruas descritas pelo IBGE, o mapa dos setores censitários já corrigido é ilustrado pelo Mapa 3, juntamente com a descrição/delimitação dos setores (Tabela 2). Os mapas, resultados da representação dos dados, foram elaborados com o auxílio do software ArcGIS 9.3.

O mapa de rendimento nominal mensal per capita foi elaborado a partir dos intervalos de rendas de até 1/8 de salário mínimo, entre 1/8 e 1/4 de salário mínimo, entre 1/4 e 1 salário mínimo, mais de 1 salário mínimo, que são intervalos considerados pelo poder público, respectivamente, como extremamente pobres, pobres, vulneráveis, e não-pobres.



Número do setor	Código do IBGE	Núcleos do Conj. Residencial Rubem Berta
1 e 2	431490205002021	Compreende os Núcleos de nº 1 e 2.
4 e 6	431490205002022	Compreende os Núcleos nº 4 e 6.
3 e 5	431490205002023	Compreende os Núcleos nº 3 e 5.
7 e 8	431490205002024	Compreende os Núcleos nº 7 e 8.
9 e 10	431490205002025	Compreende os Núcleos nº 9 e 10.
11 e 12	431490205002029	Compreende os Núcleos nº 11 e 12.
13 e 14	431490205002030	Compreende os Núcleos nº 13 e 14.
15, 16 e 17	431490205002043	Compreende os Núcleos 15, 16 e 17.
18 e 19	431490205002042	Compreende os Núcleos 18 e 19.
20, 21 e 22	431490205002033	Compreende os Núcleos nº 20, 21 e 22.
23 e 24	431490205002038	Compreende os Núcleos 23 e 24.
25 e 26	431490205002037	Compreende os Núcleos 25 e 26.
27 e 28	431490205002036	Compreende os Núcleos 27 e 28.
29 e 39	431490205002034	Compreende os Núcleos 29 e 39.
30 e 31	431490205002032	Compreende os Núcleos nº 30 e 31.
32	431490205002408	Compreende o Núcleo 32.
33 e 34	431490205002031	Compreende os Núcleos nº 33 e 34.
35 e 36	431490205002028	Compreende os Núcleos nº 35 e 36.
37 e 38	431490205002027	Compreende os Núcleos nº 37 e 38.

Nº do setor	Código do IBGE	Ponto inicial	Descrição do perímetro
40	431490205002020	Encontro da Est. Martim Félix Berta com a Av. Baltazar de Oliveira Garcia.	Do PI segue pela Av. Baltazar de Oliveira Garcia até a Est. Antonio Severino, por esta até a Av. Adelino Ferreira Jardim, por esta até a Est. Martim Félix Berta, por esta até o PI.
41	431490205002026	Encontro da Av. Adelino Ferreira Jardim com a Rua 1951.	Do PI segue pela Rua 1951 até a Rua 1953 por esta até a Rua Professor Osvaldo Thielsen, por esta até a Rua Wolfran Metzler, por esta até a Av. Adelino Ferreira Jardim, por esta até o PI.
42	431490205002035	Encontro da Est. Martim Félix Berta com a Av. Adelino Ferreira Jardim.	Do PI segue pela Av. Adelino Ferreira Jardim até a R. Wolfram Metzler, por esta até a R. Domênico Feoli, por esta até o ac. 25, por este até a Est. Martim Félix Berta, por esta até o PI.
43	431490205002041	Encontro da Rua 1953 com a Rua 1951.	Do PI segue pela R. 1951 até a R. 1949, por esta até a R. sem nome, por esta até a R. Rio Pardo, por esta até a R. Domênico Feoli, por esta até a R. Wolfran Metzler, por esta até a R. Prof. Augusto Osvaldo Thiesen, por esta até a R. 1953, por esta até o PI.
44	431490205002304	Encontro da Rua sem nome com a Rua 1949.	Do PI segue pela R. 1949 até a R. 1946, por esta até a R. Venâncio Aires, por esta até a R. Recife, por esta até a R. Domênico Feoli, por esta até a R. Wolfran Metzler, por esta até a R. Domênico Feoli, por esta até a R. Rio Pardo, por esta até a R. sem nome, por esta até o PI.
45	431490205002308	Encontro da Est. Martim Félix Berta com o acesso 25.	Do PI segue pelo ac. 25 até a R. Domênico Feoli, por esta até a R. Recife, por esta até o ac. Giba, por este até a R. 1945, por esta até a Rua H, por esta até a R. Serafim Machado, por esta até a Est. Martin F. Berta, por esta até o PI.

Legenda: PI= ponto inicial; R.= rua; Av.= avenida

LEGENDA

Setores Censitários

● Setor Censitário 3 e 5

■ Setor Censitário 40

■ Setor Censitário 41

Limites

— Setores Censitários

- - - Conjunto Residencial Rubem Berta

SISTEMA DE COORDENADAS UTM
SISTEMA DE REFERÊNCIA WGS 84
FUSO 22 S

Mapa 3 e Tabela 2 - Setores Censitários do IBGE: Conjunto Residencial Rubem Berta (Cohab), Porto Alegre, RS.



Orientadores:
Prof. Dra. Cláudia Luiza Zefferino Pires
Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich

Fonte:
Shapefiles modificados do IBGE (2010).

3.2.2 Análise de reportagens

Para a realização desta etapa do trabalho, foram selecionadas reportagens do *Jornal Zero Hora* no Museu de Comunicação José Hipólito da Costa, no Acervo de Imprensa. Foram escolhidas reportagens dos meses de abril e maio de 1987 que abordavam os movimentos de ocupação que ocorreram no referido ano, assim como reportagens que se referiam a práticas de violência.

As reportagens foram averiguadas através dos procedimentos metodológicos provenientes da Análise do Discurso. De acordo com Rocha e Deusdará (2005, p. 308) esta metodologia “propõe o entendimento de um plano discursivo que articula linguagem e sociedade, entremeadas pelo contexto ideológico”. Optou-se por esta metodologia ao invés da Análise do Conteúdo, pois, o estudo de Jeane Silva (2009) sobre os aspectos teórico-metodológicos da Análise do Discurso nos demonstra

como a análise das bases materiais da língua tem uma perspectiva menos preocupada com os conteúdos (o “o quê”) e mais com o funcionamento da linguagem correlacionada com a História, a ideologia e os sentidos como instâncias de produção dos discursos (o “como”), e com efeito desse processo nos sujeitos e na sociedade. Isto é, como os sentidos significam, como, nas práticas linguísticas, surgem os efeitos de sentido. (SILVA, 2009, p. 92).

Nessa perspectiva, foi selecionado do texto (reportagens) o *corpus*¹¹ do estudo, cujo material possibilitou o “recorte de fragmentos (sequências discursivas)” e a reconstituição de “regularidades discursivas”, que correspondem a “evidências significativas, observadas na conjuntura enunciativa da manifestação discursiva em estudo” (SANTOS *apud* SILVA, 2009, p. 115).

¹¹ Segundo Jeane Silva (2009, p. 112) o *corpus* expressa “uma reunião, sobretudo, de fatos (sentidos em processo na produção do discurso), não apenas de dados”.

3.2.3 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas com moradores e lideranças da Cohab Rubem Berta – “relatos locais” – e com professores de escolas, funcionários de postos de saúde que atuam na Cohab Rubem Berta e moradores dos bairros do entorno – “relatos não locais” (DUNCAN, 2004). As abordagens tiveram um caráter de entrevista semiestruturada, ou seja,

o entrevistador pergunta algumas questões em uma ordem predeterminada, mas dentro de cada questão é relativamente grande a liberdade do entrevistado. Além disso, outras questões podem ser levantadas, dependendo das respostas dos entrevistados, ou seja, podem existir questões suplementares [...]. (MOREIRA *apud* SANTOS, 2013, p. 330).

As entrevistas tiveram o intuito de investigar a percepção dos moradores e de outras pessoas que tem algum tipo de relação com o referido lugar para compreender como se desenvolvem os discursos que circulam e de que forma eles influenciam estes sujeitos. Para a observação destas entrevistas também foi utilizado como método a Análise do Discurso, ou seja, foi selecionado do texto (relatos) o *corpus* do trabalho, sob o qual foi realizado o “recorte de fragmentos (sequências discursivas)”, bem como a reconstituição das “regularidades discursivas” (SILVA, 2009).

4 CONJUNTO RESIDENCIAL RUBEM BERTA: MÚLTIPLOS OLHARES E DISCURSOS

4.1 Condições socioeconômicas no Conjunto Residencial Rubem Berta

As análises e elaborações de mapas e tabelas dos dados oriundos dos setores censitários do IBGE, do Censo Demográfico do IBGE de 2010 (2011) referentes ao Conjunto Residencial Rubem Berta são apresentados a seguir, os dados analisados referem-se: a condição de ocupação dos domicílios, a idade dos moradores, a população residente e o rendimento nominal mensal per capita e aos chefes de domicílio ou a pessoa responsável pelo domicílio.

Como se refere a um conjunto residencial que foi ocupado “ilegalmente” é relevante investigar como está a situação dos apartamentos deste lugar, ou seja, averiguar se estes imóveis estão regularizados, se foram comprados pelos moradores. Percebe-se, a partir dos dados elaborados através dos setores censitários do IBGE (2011), na Tabela 3, que grande parte dos apartamentos (82%) são próprios, dentre os quais 75% encontram-se quitados, isto é, estão devidamente regularizados ou estão em processo de regularização (em aquisição 7,1%).

Tabela 3 – Condição de ocupação dos domicílios particulares permanentes do Conjunto Residencial Rubem Berta, POA/RS.

Condição de ocupação	Domicílios particulares permanentes	
	Absoluto	%
Próprio	14393	82,0
Quitado	13149	74,9
Em aquisição	1244	7,1
Alugado	2616	14,9
Cedido	379	2,2
Por empregador	23	0,1
De outra forma	356	2,0
Outra	174	1,0
TOTAL	17562	-

Esses dados evidenciam que as pessoas que ocuparam o conjunto habitacional e declararam na época da ocupação que queriam pagar pelo apartamento realmente o fizeram, como ilustrado no relato de um dos líderes da

ocupação, “o lema era: não queremos de graça, queremos pagar por onde se mora”. Há que se observar que estes dados são do Censo Demográfico de 2010 do IBGE e que possivelmente o número de apartamentos quitados é maior, pois depois deste ano ocorreram mutirões¹² de regularização promovidos pela Secretaria de Estadual de Habitação e Saneamento (Sehabs), como ilustra a Figura 3, que mostra os funcionários da Sehabs trabalhando no processo de regularização dos apartamentos juntamente com os moradores.

Figura 3 – Mutirão de regularização de imóveis da Cohab.



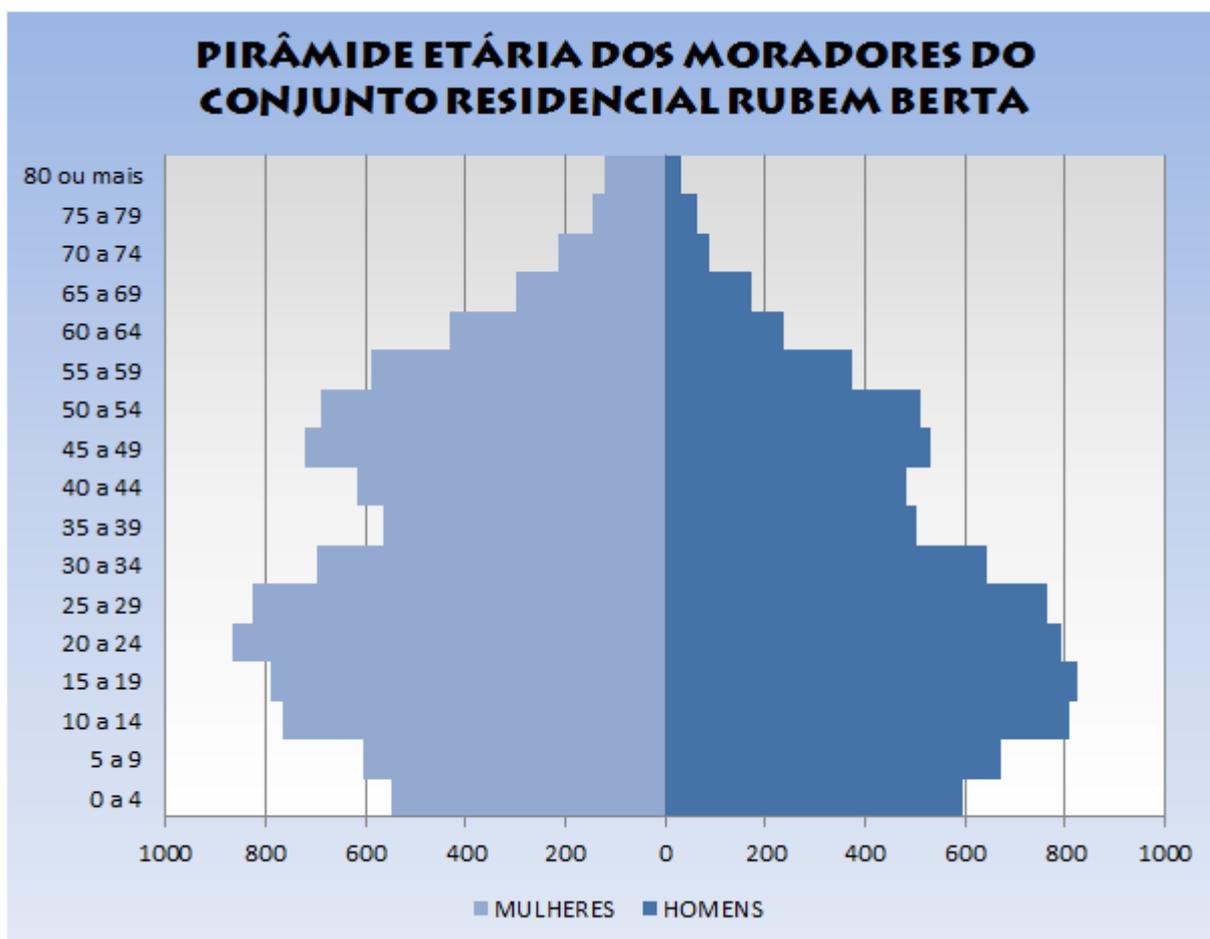
Fotografia: Sehabs (Ano: 2014). Fonte: <<http://www.sehabs.rs.gov.br>>.

Os dados referentes à idade dos moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta, conforme ilustra a Figura 4, demonstraram que há maior nascimento de homens, enquanto as mulheres apresentam maior número de idosas. Percebe-se

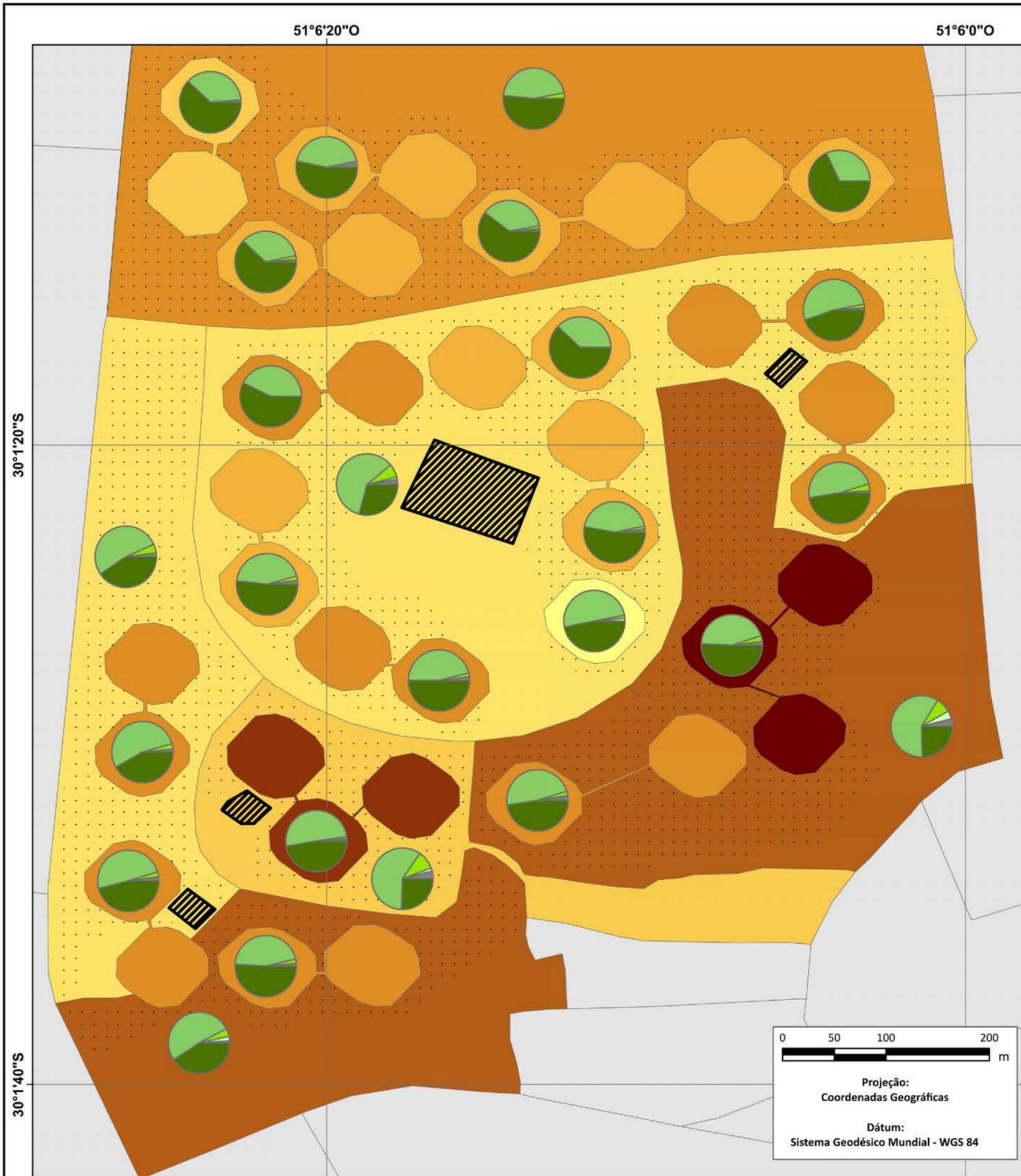
¹² O termo mutirão tem um sentido importante neste trabalho, pelo fato dos apartamentos da área de estudo serem concluídos através de mutirões. Este termo é aprofundado por Clóvis Caldeira (1956), que o aborda “em sentido genérico para designar atividades coletivas solidárias”, afirmando que apesar de ter sua origem em populações rurais ele tem contribuições das civilizações ameríndias e africanas.

com a análise da pirâmide etária dos moradores que há uma diminuição no número de pessoas existente entre os 25 anos aos 44 anos de idade.

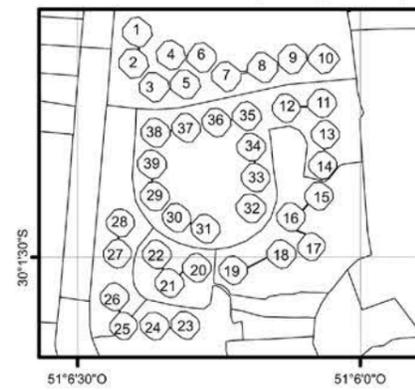
Figura 4 – Pirâmide etária dos moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta, Porto Alegre/RS.



O mapa das pessoas residentes e do rendimento nominal mensal per capita dos domicílios particulares permanentes (Mapa 4) permite evidenciar diferenças no que diz respeito aos rendimentos dentro do Conjunto Residencial Rubem Berta, há diferenças existentes entre os núcleos residenciais e entre estes e as “garagens”. Percebe-se que na área ocupada pelas garagens a renda per capita é menor se comparada aos núcleos residenciais, no primeiro chega a 70% o percentual das pessoas extremamente pobres, pobres e vulneráveis, já no segundo o percentual não ultrapassa os 56%. Os núcleos residenciais de número 1 a 10 apresentam um número de pessoas não-pobres maior se comparado aos outros núcleos residenciais (11 a 39), no primeiro o percentual de pessoas não-pobres varia de 53% a 67%, já no segundo este percentual varia de 42% a 61%.



Núcleos Habitacionais do Conj. Res. Rubem Berta numerados de 1 a 39 (ver Mapas 2 e 3)



Cidade de Porto Alegre e entorno - com a localização do Conj. Res. Rubem Berta (retângulo vermelho)



LEGENDA

Limites

- Setores censitários do IBGE
- Campo de futebol e/ou Praça
- "Garagens" do Conjunto Res. Rubem Berta

Pessoas residentes

- 301 a 400 moradores
- 401 a 500 moradores
- 501 a 600 moradores
- 601 a 700 moradores
- 701 a 800 moradores
- 801 a 900 moradores
- 1001 a 1100 moradores
- > 1100 moradores

Rendimento nominal mensal per capita dos domicílios

- Sem rendimento
- Extremamente pobres
- Pobres
- Vulneráveis
- Não-pobres



Mapa 4 - Pessoas residentes e rendimento nominal mensal per capita dos domicílios particulares: Conjunto Residencial Rubem Berta, Porto Alegre, RS.



Orientadores:
Prof. Dra. Cláudia Luiza Zefferino Pires
Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich

Fonte:
Shapefiles modificados e dados do IBGE (2011).

Consideração importante é salientar que em alguns relatos de moradores, estes se mostraram cientes destas diferenças existentes dentro do Conjunto Residencial Rubem Berta, como se percebe no relato de uma liderança que atua no conjunto, que afirma

A questão da desigualdade muito grande dentro da Cohab, hoje menos né, com a ascensão da classe C, mas ainda muito desigual. Então, tem pessoas que tem carro né, que tem um bom apartamento, reformado, tem uma estrutura dentro da sua casa boa, tem um bom carro, mas outras pessoas são miseráveis assim né. O próprio bairro ele é muito desigual né, mesmo sendo um bairro de periferia, tendo classe C, B e, né, classes infinitas. (Relato de entrevista de Jean Andrade, obtido em trabalho de campo em setembro de 2014).

Fica evidente no relato desta liderança a compreensão de que há uma representação das periferias que as coloca como algo homogêneo, quando afirma que “O próprio bairro é muito desigual né, *mesmo sendo um bairro de periferia [...]*”, ou seja, há uma série de diferenças que faz com que o conjunto habitacional seja heterogêneo e tenha suas especificidades e os moradores conseguem perceber isto.

O relato de uma moradora aposentada também demonstra a compreensão das diferenças existentes, no que diz respeito à renda, quando a entrevistada compara o Conjunto Residencial Rubem Berta com um conjunto habitacional do entorno, o Leopoldina, e afirma que

O Leopoldina é a mesma coisa que o Rubem Berta, mas lá é gente, como eu vou dizer, de mais nível né, as pessoas estão melhor na vida, aqui também tem uns bem e outros pior, mas é gente mais humilde né. (Relato de entrevista de Dona Maria, obtido em trabalho de campo em agosto de 2013).

Os dados sobre os chefes de domicílios ou, conforme denominação do IBGE, a pessoa responsável pelo domicílio¹³, evidenciaram a importância das mulheres na unidade familiar, do total de pessoas responsáveis pelo domicílio no Conjunto Residencial Rubem Berta, 59% (3622 pessoas) são mulheres e 41% (2494 pessoas) são homens.

¹³ De acordo com o IBGE (2011, p. 24) a pessoa responsável pelo domicílio é considerada como “a pessoa (homem ou mulher), de 10 anos ou mais de idade reconhecida pelos moradores como responsável pela unidade domiciliar”.

4.2 O Conjunto Residencial Rubem Berta sob múltiplos olhares

A partir das entrevistas com moradores, lideranças e com pessoas que tinham alguma relação com o Conjunto Residencial Rubem Berta foi possível identificar que a percepção destes indivíduos sobre o conjunto habitacional pode ser apreendida de múltiplas maneiras. Estes olhares expressam o Conjunto Residencial Rubem Berta como topofilia e como topofobia.

4.2.1 Monte Esperança: a ocupação da Cohab Rubem Berta

Muitas histórias de vida se cruzam com o início da ocupação dos conjuntos habitacionais abandonados pela Companhia de Habitação do Estado, na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA). Paulo Roberto Azevedo (2002) resgata a história do primeiro conjunto habitacional ocupado na RMPA no ano de 1987 – o Conjunto Residencial Campos Verdes, na cidade de Alvorada – ocupação de duzentas unidades habitacionais que foi seguida, nos trinta e quatro dias posteriores, por um total de 16482 casas e apartamentos ocupados na RMPA (AZEVEDO, 2002, p. 4).

Pires *et al.* (2013) analisam os desafios urbanos na periferia de Canoas, no Guajuviras, conjunto habitacional que também foi ocupado em abril de 1987 e destacam o grande número de ocupações que ocorreram nesta época no Estado do Rio Grande do Sul, num total de quinze ocupações, como ilustra a Tabela 4.

Tabela 4 – Ocupações de Conjuntos Habitacionais no Rio Grande do Sul no ano de 1987.

Cidades do Estado do RS	Número de Ocupações de Conjuntos Habitacionais
Porto Alegre	6
Alvorada	5
Gravataí	2
Canoas	1
Cachoeirinha	1
TOTAL	15

Fonte: Pires *et al.* (2013).

Paulo Azevedo (2002) lembra que os motivos que ensejaram esta ocupação, assim como as posteriores, referem-se, principalmente, a três fatores: primeiramente, as desigualdades oriundas da (re)produção do sistema capitalista monopolista que “gerou grandes contingentes de miséria e concentração populacional” sem acesso aos bens básicos; um segundo fator, refere-se ao Banco Nacional de Habitação (BNH) e sua política habitacional que “restringiu a oferta de habitações para setores de mais baixa renda”; um terceiro fator diz respeito às medidas político econômicas do período que resultaram em um descongelamento do preço dos aluguéis, que, em muitos casos, tiveram o preço triplicado o que tornou inviável o seu pagamento, somado o salário baixo recebido pelos trabalhadores (AZEVEDO, 2002, p. 23).

De acordo com Azevedo estes movimentos de ocupação tiveram uma importância política e social crucial, pois

A ocupação destes conjuntos residenciais efetivou o destino de obras há muito abandonadas, legitimaram a aplicação do dinheiro público, denunciaram a inoperância, incompetência, corrupção em alguns órgãos estatais e, além disso, proporcionaram casa para muita gente que necessitava dela. Proporcionaram também e acima de tudo, um importante aprendizado relacionado a ação coletiva e a organização. (AZEVEDO, 2002, p. 2).

Os relatos de moradores e lideranças do Conjunto Residencial Rubem Berta que se referem à época das ocupações, trazem nas suas histórias marcas de uma mesma “luta”, que fez com que milhares de pessoas se mobilizassem em prol de uma mesma causa. Como pode ser evidenciado na fala de uma liderança

[...] a questão comunitária eu poderia enfatizar assim como a característica pra mim como a mais saliente. O que que é a questão comunitária, por que desde o início da ocupação ali dos prédios, sempre teve uma união, união em prol de uma causa, isso não é visível se tu circula, se tu vive dentro da Cohab tu não consegue ver muitas vezes essa questão da unidade pela comunidade, mas tu consegue ver em algumas ações e em alguns projetos mais específicos, se tu for ver a questão do asfalto por exemplo, a Cohab ficou anos e anos né, décadas, sem asfalto e por uma questão comunitária, por um envolvimento da comunidade e de lideranças comunitárias que se juntaram e conseguiram asfalto pros núcleos né, o asfalto pro bairro, e assim outras questões né. A própria regularização da Cohab, quando teve a ocupação né, a reforma e o acabamento dos prédios que eram inacabados quando foi feita a invasão, isso também é um envolvimento comunitário, os próprios eventos festivos, dia das crianças, natal, lá tem o sopão, tem n

projetos e ações de cunho comunitário. (Relato de entrevista de Jean Andrade, obtido em trabalho de campo em setembro de 2014).

Essa necessidade, de uma casa para morar, exigiu que as pessoas envolvidas na ocupação se mantivessem unidas, como pode ser visto nos relatos, e construíssem laços de amizade e mobilizações, como ilustra a Figura 5, de moradores de um bloco habitacional do Conjunto Residencial Rubem Berta concluindo as obras inacabadas da extinta Companhia de Habitação do Estado do RS.

Figura 5 – Moradores do bloco Monte Esperança e a mobilização para a conclusão das obras.



Fotografia: Laudenir Figueiredo (Ano: 1989).

Os relatos de moradores e lideranças sempre expressam a importância do engajamento e da criação de vínculos entre as pessoas, que foram necessários, ao menos na época das ocupações, para a consolidação do movimento e a conquista do direito de morar destes indivíduos. Quando questionado sobre o lugar onde vive um morador entrevistado que atuou como liderança na época da ocupação afirma

O pessoal que veio pra cá na época da ocupação, e que estão aqui até hoje, é muito aguerrido, muito solidário um com o outro, tu entende? São pessoas, assim, que agente tem uma amizade sincera, são tudo pessoas que estiveram no mesmo barco, que

lutaram pelo mesmo objetivo, isto é, uma casa para morar. (Relato de entrevista de Laudenir Figueiredo, obtido em trabalho de campo em agosto de 2013).

A Figura 6 ilustra a condição dos apartamentos no ano de 1989 localizados na porção mais ao sul do Conjunto Residencial Rubem Berta, estes apartamentos eram denominados pelos ocupantes como carijós, pois, segundo eles, em muitos destes prédios “não tinha sido completado o reboco das paredes”. Quando questionada sobre o nome de um bloco residencial no conjunto habitacional, uma liderança afirma que o nome do bloco era Monte Esperança, pois era

Um bloco em cima de um monte. Olhando de longe não se visualizava pela cor do bloco, o bloco era carijó. E se tu olhava de longe tu não via um bloco, tu via um monte. Por isso que surgiu o nome Monte Esperança né. (Relato de entrevista de Laudenir Figueiredo, obtido em trabalho de campo em setembro de 2014).

Uma moradora entrevistada salienta que o nome Monte Esperança foi escolhido pelos moradores porque

O pessoal escolheu esse nome porque tinha muita esperança né, que as coisas melhorassem, como de fato depois melhorou né. [...] Foi escolhido esse nome pela luta do povo né, que conseguiu depois inclusive, mas bem depois, legalizar né. (Relato de entrevista de Ilza Ribeiro, obtido em trabalho de campo em setembro de 2014).

Os problemas enfrentados na ocupação do Conjunto Residencial Rubem Berta foram semelhantes aos problemas que foram verificados em outras ocupações também ocorridas nesta época, como a falta de água, de luz, de alimento e o enfrentamento e a repressão do aparato policial militar, que se mostrou muito ostensivo segundo os ocupantes. Portanto, isto exigiu dos ocupantes a necessidade de muita reivindicação para o acesso a estes bens básicos para a reprodução da vida cotidiana.

Quando perguntados sobre como ocorreu a ocupação, surgiram em todos os relatos das lideranças da época, a questão do enfrentamento de problemas como os afirmados anteriormente, que pode ser evidenciado na fala de um dos líderes da ocupação que afirma que

[...] pra ti entende, nós passamos uma miséria tremenda, eu sou merecedor de estar aqui, quando agente ganhava 1/4 de pão ou arrumava um dinheiro pra comprar um pão, qual é a nossa meta, era comprar um pão, tomate e ovo e ali nós passava o dia com aquela alimentação. Às vezes aparecia, depois que agente começou a fazer

um trabalho sério, organiza a ocupação né, porque começou a passar a ser tudo organizado, tinha umas pessoas que traziam café pra nós, então agente foi levando. (Relato de entrevista de Cleusi da Rosa, obtido em trabalho de campo em setembro de 2014).

Figura 6 – Condição dos apartamentos (carijós) situados na porção sul do Conjunto Residencial Rubem Berta no ano de 1989.



Fotografia: Laudenir Figueiredo (Ano: 1989).

A questão de relação com o ambiente, no que diz respeito à água, no início da ocupação, foi um aspecto muito difícil para estes ocupantes, pois, como relata um dos líderes,

[...] na época da ocupação nós tomava água de esgoto, porque não sabia, a água corria por esse esgoto, corria limpinha, volta e meia de vez em quando agente via aquelas minhoquinhas ali, mas até elas tinham um gosto bom, era salgadinha né. [...] Banho. Banho, eu tomava banho uma vez por semana. [...] não existia água, não tinha água encanada. Ai depois com muito custo lá, agente conseguiu botar uma torneira lá na Av. Adelino Ferreira Jardim com a esquina aqui (Av. Wolfran Metzler), depois botamos outra aqui no carijó (apartamentos da porção sul) e ai fomos espalhando pontos de água né. (Relato de entrevista de Cleusi da Rosa, obtido em trabalho de campo em setembro de 2014).

Quando questionado sobre a questão da água, um entrevistado relata que usava uma metáfora nesta época, ele afirma

A água, eu usava uma metáfora, que: agente descia rindo e subia chorando. Por que isso, descia rindo e subia chorando, porque na verdade quando agente tinha que descer [...] e no meio do núcleo 27 tinha uma bica, que todos os blocos pegavam água dali e daí o que que acontecia, tu pegava dois baldes de água, colocava um de cada lado. Descia rindo para pegar a água e o choro era a água caindo porque sempre respingava. (Relato de entrevista de Laudénir Figueiredo, obtido em trabalho de campo em setembro de 2014).

As reportagens do Jornal Zero Hora que abordam as ocupações de 1987 sempre retratam as pessoas que ocuparam os conjuntos habitacionais como invasoras (como ilustrado pela Figura 7), deixando claro a sua posição a respeito das ocupações como algo ilegal. Silva (2009, p. 118) observa que o discurso dos movimentos de luta pela terra denominam suas ações como ocupações, no entanto, “os proprietários (e a mídia), por outro lado, designam essa ação como invasão”. Percebe-se, assim, os discursos opostos e seus significados contrapostos: o termo ocupação expressa o “direito sobre algo em desuso”, já o termo invasão expressa um “crime” (FERNANDES *apud* SILVA, 2009, p. 118).

Figura 7 – Reportagens do Jornal Zero Hora de abril e maio de 1987, retratando os ocupantes como invasores.



Fotografia: Dados da pesquisa (2014). Fonte: Acervo de Imprensa do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Jornal Zero Hora (Ano: 1987).

Todavia, estas reportagens sempre expressam a situação político-econômica da época, de recessão, a dimensão do déficit habitacional no país e no estado, que conseqüentemente gerou uma carência habitacional da população que teve um aumento de seus aluguéis, muitas vezes triplicado, após o descongelamento dos preços (AZEVEDO, 2002). Ou seja, há uma representação dos ocupantes como invasores, e nessa perspectiva, como criminosos, porém, ao mesmo tempo, também há uma compreensão e uma abordagem das reportagens do referido jornal que problematiza a realidade da época, isto é, a necessidade dos ocupantes de um lugar para morar (Figura 8), as dificuldades que eles encontram para pagar seus aluguéis e a situação de desatenção para com a população pobre que preconizam os órgãos públicos responsáveis por construções de conjuntos habitacionais, como a Cohab e o Sistema Financeiro de Habitação (SFH) – como ilustrado pela Figura 9.

Figura 8 – Reportagens do Jornal Zero Hora registrando as necessidades dos ocupantes de um lugar para morar.



Fotografia: Dados da pesquisa (2014). Fonte: Acervo de Imprensa do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Jornal Zero Hora (Ano: 1987).

Figura 9 – Reportagens do Jornal Zero Hora registrando os problemas oriundos da má gestão dos órgãos públicos.



Fotografia: Dados da pesquisa (2014). Fonte: Acervo de Imprensa do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Jornal Zero Hora (Ano: 1987).

No que diz respeito à violência cometida pelos policiais militares contra as pessoas que participaram das ocupações, as reportagens registram estas práticas apenas em alguns momentos, por vezes, relatando as reivindicações dos ocupantes da retirada do policiamento ostensivo, mas, geralmente, quando aborda o tema violência nestas reportagens ele não é aprofundado. Um aspecto relevante da Análise de discurso é que aborda não apenas o dito, mas também o não-dito, ou seja, “[...] ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI apud SILVA, 2009, p. 112). Nessa perspectiva, os relatos de lideranças expressaram inúmeros conflitos com os policiais, de confrontos e de inúmeras retiradas dos apartamentos e, assim, de práticas de violência que não foram registradas pelo referido jornal. A Figura 10 mostra as fotografias das reportagens que registram os policiais no exercício do seu ofício.

Figura 10 – Fotografias registradas pelo jornal Zero Hora dos policiais no controle das ocupações.



Fotografia: Dados da pesquisa (2014). Fonte: Acervo de Imprensa do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Jornal Zero Hora (Ano: 1987).

4.2.2 O Conjunto Residencial Rubem Berta como topofilia

Os relatos locais evidenciaram uma experiência topofílica dos moradores e lideranças com o lugar, ou seja, em um primeiro momento estes indivíduos relatavam sua história, suas amizades e valores cultivados no bairro, sendo perceptível um sentimento de topofilia, assim como descrito por Yi-fu Tuan (2012), como o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”. Apenas em um último momento de todos os relatos, isto é, depois de relatado o sentimento topofílico, que os moradores começavam a falar dos problemas do lugar, isto é, da questão da violência.

Em todas as falas das mulheres que moram no Conjunto Residencial Rubem Berta percebe-se sua preocupação com o lugar e a questão de sua importância para a criação de seus filhos, como o relato de uma moradora aposentada, mas que atua politicamente no bairro

Eu gosto muito do Rubem Berta, aqui tem gente humilde né, tem lotação perto de casa, ônibus, posto, escola. [...] Eu não gosto que critiquem o Rubem Berta por que é o lugar onde agente vive né, onde agente cria os nossos filhos. (Relato de entrevista de Dona Maria, obtido em trabalho de campo em agosto de 2013).

Percebe-se, neste relato, assim como em outros, que em contraponto ao que se pensa sobre as periferias, como os lugares que tem uma infraestrutura precária, no Conjunto Residencial Rubem Berta os moradores avaliam como positiva a infraestrutura do seu bairro. Todavia, há relatos de moradores que abordam como problema a falta de mais espaços públicos dentro do conjunto habitacional, espaços que seriam necessários para lazer e atividades culturais. De acordo com os relatos, isso se deve as grandes áreas ocupadas pelas garagens.

Este sentimento topofílico pode ser observado também nas crianças que conhecem o mundo a partir deste lugar, como ilustra a Figura 11, de crianças brincando no Conjunto Residencial Rubem Berta. Quando questionadas a respeito de como é viver neste lugar, as crianças, estudantes com idade entre os 10 anos e 12 anos relataram que gostavam dele por causa de suas amizades.

Figura 11 – Crianças brincando no Conjunto Residencial Rubem Berta.



Fotografia: Dados da pesquisa (2014).

Os bairros de periferia dificilmente são tratados como lugares de cultura no nosso cotidiano, ou seja, estas pessoas não são tratadas como seres pensantes, criativos, com inúmeras ideias e ideais. Entretanto, estes lugares, estas pessoas, estão cobertos por marcas que grafam e retratam cultura, arte e valores de uma cultura popular ou uma cultura de rua.

No Conjunto Residencial Rubem Berta há diversos grupos que organizam, participam e atuam em movimentos de cunho social e cultural, pode-se salientar: a Alvo Associação Cultural, a Associação Comunitária dos Moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta e um dos eventos de rap mais conhecidos do país, o Cohab é só RAP, organizado por Leandro Seré.

A Alvo Associação Cultural, criada no Conjunto Residencial Rubem Berta em 2005, trabalha com a produção de rap de artistas da periferia e direciona parte dos seus ganhos em projetos sociais e atua não apenas no Conjunto Residencial Rubem Berta, como na zona norte de Porto Alegre e RMPA. O grupo realiza inúmeras atividades, desde aulas de skate em regiões vulneráveis economicamente, aulas de dança de rua, de hip hop e de em escolas do município de Porto Alegre para alunos

que tenham histórico de violência escolar. O presidente desta associação, Jean Andrade, que foi criado no Conjunto Residencial Rubem Berta, foi agraciado com a Medalha de Porto Alegre em 2013. O músico e membro da Alvo Associação Cultural, um de seus criadores, W Negro, foi agraciado com o Prêmio Açorianos de Música 2010 pelo seu CD “Portal dos Anjos”. O presidente da Alvo explica porque esta entidade foi criada, ele relata que

Agente decidiu montar uma associação que pudesse representar a cultura hip hop, não só a cultura hip hop, mas que pudesse representar a periferia, os jovens da periferia, especificamente da Cohab, porque agente era tudo da Cohab ali né. Então, depois desses 9 anos de entidade, na verdade 10, mas 9 como registrada direitinho, já passaram vários jovens né, que hoje estão muito bem assim, tem sua família e tal, alguns mantem vínculo conosco, outros não. Agente tá incorporando novas pessoas, e agente tem a seguinte ideia: que a cultura ela tem um papel muito além que propriamente entreter, ela tem um papel transformador, agente entende a cultura que nem o renascentismo entendeu a pintura, vê que a cultura tem como instigar teu olhar, teu sentimento, te envolver em alguma coisa e fazer tu questionar né [...] Entender que a mudança, ela faz parte de um processo organizativo, então pra gente querer mudar alguma coisa, querer mudar a consciência, mudar as pessoas, agente também tem que ter um trabalho cooperado e organizado, senão tu não consegue né. (Relato de entrevista de Jean Andrade, obtido em trabalho de campo em setembro de 2014).

Um dos eventos organizados pela Alvo Associação Cultural, juntamente com o movimento *slow food*¹⁴, o GrafiXepa, realizado no Ponto de Cultura Rubem Berta (Figura 12) – o espaço onde são realizados muitos dos eventos culturais da Alvo e atividades direcionadas aos jovens da periferia –, que envolveu a arte do grafite, a música do rap e estudantes de gastronomia é um exemplo dos inúmeros eventos culturais realizados por esta entidade. A Figura 13 e 14 ilustra os grafiteiros registrando suas marcas no lugar e seu elo com ele.



Fonte: <www.alvovirtual.com> (Ano: 2014)

Figura 12 – Criança no Ponto de Cultura Rubem Berta.

¹⁴ De acordo com Andrews (2008) o movimento *slow food* surgiu na Itália em 1986 e é uma resposta em contraponto ao *fast food* e ao agronegócio, ou seja, é um movimento que reflete acerca da importância da boa alimentação e faz uma crítica ao desperdício de alimentos.

Figura 13 – Grafiteiros e sua arte registrando suas marcas no lugar.



Fotografia: Dados da pesquisa (Ano: 2014).

Figura 14 – Grafiteiros e a arte do grafite.



Fonte: <www.alvovirtual.com> (Ano: 2014).

A AMORB, criada em novembro de 1987, tem um forte engajamento dentro do Conjunto Residencial Rubem Berta, desempenhando um papel de reivindicação junto ao poder público e organizando atividades culturais, juntamente com os moradores, como as atividades para crianças e jovens, como aulas de capoeira e atividade para idosos, com cursos de qualificação. A AMORB tem um espaço de rádio comunitária (Figura 15) que dedica momentos para discussões sobre questões do bairro.

A importância das rádios comunitárias é destacada por Angelo Serpa que afirma que as

Práticas de apropriação dos meios de comunicação pelas classes populares, como as iniciativas que se disseminam nas periferias metropolitanas, através das rádios comunitárias, subvertem – taticamente – a hegemonia cultural veiculada pelos meios tradicionais de radiodifusão e criam entre-lugares para o reestabelecimento da ludicidade como valor transversal. (SERPA, 2007, p. 54).

Figura 15 – Rádio comunitária da AMORB (presidente da associação, Cleusi Coelho da Rosa, fazendo o seu programa na rádio).



Fotografia: Dados da pesquisa (2014).

O responsável pelo evento “Cohab é só rap”, Leandro Seré, que o realiza em parceria com a AMORB, afirma que o evento foi pensado com o intuito de incentivar a arte como possibilidade para a comunidade e como uma alternativa que contribua para o decréscimo da violência, o músico afirma

Queremos fomentar a arte local e seduzir os jovens do bairro para experimentar uma nova cultura de paz. Através do grafite, da dança e da música procuramos mostrar para a juventude que tem pouca opção de cultura e muitos caminhos para o crime, que as alternativas estão abertas para um futuro melhor. (Secretaria Municipal da Juventude de Porto Alegre, Fonte: <www.portoalegre.rs.gov.br/smj>).

As Figuras 16 e 17 ilustram a magnitude do evento e sua importância para os jovens da periferia que vivenciam/praticam a cultura do rap, também há no evento uma atenção às crianças, com a distribuição de presentes para elas. Em sintonia com o evento “Cohab é só rap”, acontece o Projeto Colorindo a Cohab, realizado pelo Núcleo Urbanóide, onde os grafiteiros deste grupo realizam sua arte nos prédios e casas do Conjunto Residencial Rubem Berta, como pode ser visto na Figura 18.

Figura 16 – Moradores do Conjunto Residencial Rubem Berta prestigiando o evento “Cohab é só rap”.



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 17 – “Cohab é só rap” e a participação das mulheres no evento.



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 18 – Grafite do Projeto Colorindo a Cohab, do Núcleo Urbanoide no Conjunto Residencial Rubem Berta, em paralelo com o “Cohab é só rap”.



Fonte: <www.aproximacaourbanoide.blogspot.com.br>.

4.2.3 O Conjunto Residencial Rubem Berta como topofobia

Como descrito, os moradores relatam, em um primeiro momento, um sentimento topofílico em relação a seu lugar, contudo, após esta narrativa eles passam a expor os problemas que encontram no bairro, que se referem, principalmente, a questão da violência e, por isto, expressam um sentimento topofóbico, como evidenciado no relato de uma moradora que afirma

O que é ruim aqui ultimamente, nos últimos tempos piorou, a violência né, tu não sabe se tu vai ficar numa bala perdida né, em meio a um tiroteio, ou o teu filho vai ficar né, então é essa a grande preocupação né. [...] Mas têm muitos vizinhos, trabalhadores, muita gente trabalhadora aqui dentro né, que batalha no dia-a-dia. (Relato de entrevista de uma moradora, obtido em trabalho de campo em 2014).

Percebe-se, assim, que ao mesmo tempo em que se relata esse sentimento topofóbico há uma preocupação em salientar os aspectos positivos do lugar onde se vive, demonstrando que os problemas coexistem juntamente com os aspectos aprazíveis do bairro, que são ressaltados pelos moradores. Há falas de moradores que procuram esclarecer os motivos da existência desta violência no bairro, como a fala de um morador que afirma

Mas é também uma comunidade muito difícil, muito violenta né, pela ocupação o projeto inicial dela, arquitetônico, ele não previa, ou melhor, ele previa áreas mais abertas né, ele previa áreas pra convívio social, só que devido à ocupação irregular esses espaços abertos foram ocupados por garagens e casas né, que se tornaram casas das pessoas. [...] O fenômeno das garagens disseminou né, hoje nem são garagens, hoje tem até prédios né, são edifícios de 3 andares e toma todo o espaço da Cohab, criando inúmeros becos né, um emaranhado de construções irregulares, é uma favela na vertical. E aí o que que acontece cara, dentro dessa perspectiva não existe área de lazer, não existe área de cultura, não existe espaços abertos. Então a qualidade de tu morar na Cohab ela é muito baixa, muito baixa no sentido da própria habitação. (Relato de entrevista de um morador, obtido em trabalho de campo em 2014).

O relato deste morador evidencia a importância dos espaços públicos dentro de um bairro e os possíveis problemas decorrentes da carência destes espaços, que segundo ele, levam, em parte, às práticas de violência, também demonstra que apesar das atividades culturais expostas no capítulo deste trabalho (O Conjunto Residencial Rubem Berta como topofilia), há a necessidade de mais espaços culturais para as crianças e os jovens, que acabam sendo cooptadas pelo tráfico de drogas no seu tempo ocioso. Este relato também revela que há um embate dentro

do Conjunto Residencial Rubem Berta, que diz respeito às pessoas que aprovam as ocupações de espaços dentro do conjunto habitacional ocupados pelas garagens e casas, porque entendem que estas pessoas necessitavam de uma moradia, assim como elas, enquanto outras pessoas reprovam estas ocupações, considerando que estas geram problemas no lugar.

Há outros motivos sobre a questão da violência, que apareceram em muitas falas dos moradores, que diz respeito à dimensão do bairro Rubem Berta. Segundo estes moradores, o bairro é muito grande e as práticas de violência realizadas em outros conjuntos habitacionais são abordadas como se tivessem ocorrido no Conjunto Residencial Rubem Berta, como o relato de uma moradora que afirma

O que eu penso assim, que tem uma fama lá fora pra quem não conhece o Rubem Berta, tem uma imagem muito ruim aqui da Cohab Rubem Berta. O pessoal acha que o Rubem Berta é só a Cohab, mas não é só a Cohab não, o Rubem Berta ele é, tem a Santa Rosa, a Santa Fé e tem outros bairros que abrangem assim, que no caso é Rubem Berta. Quando se fala em violência no Rubem Berta, as vezes não tem nada a ver com a Cohab nossa aqui, os prédios que foram ocupados em 88, não, 87. Então o pessoal acha que tudo que tá no jornal e que as pessoas comentam lá fora, tudo é Cohab, não tem nada a ver, é um bairro muito populoso, é muita gente, tem pessoas que moram e são pobres, tem pessoas que tem dinheiro e poderiam até morar em outro bairro, mas moram aqui no Rubem Berta né, porque é um bairro que nós temos tudo aqui [...]. (Relato de entrevista de uma moradora, obtido em trabalho de campo em 2014).

A atuação da polícia é outro ponto colocado por alguns moradores quando abordaram os possíveis fatores que ocasionam a questão da violência no bairro, estes moradores questionam o *modus operandi* de alguns policiais e associam esta atuação a entrada de jovens em atividades ilícitas, como se pode perceber no relato de um morador que afirma

A maior violência é a polícia não respeita o cidadão. A maior violência pra mim e, é a polícia, não é a autoridade nem nada, é a polícia não respeitar o jovem. Primeiro eles batem pra depois pedir teu documento. A própria polícia coloco muito jovem na linha do crime, por não respeita, por não ter aquele respeito com o jovem, aí eles tão apanhando mesmo sem fazer nada, então se eu tô apanhando sem fazê eu vô fazê. (Relato de entrevista de um morador, obtido em trabalho de campo em 2014).

Percebe-se, em alguns relatos, que os moradores têm que adaptar sua rotina, seus percursos dentro do lugar devido ao sentimento de insegurança gerado pela

violência oriunda das disputas entre os grupos de tráfico de drogas, como exposto no relato de uma moradora, que afirma

Eu moro aqui há 29 anos, criei meus filhos aqui, já tenho os netos, pra mim o bairro sempre foi muito bom, porque sempre teve tranquilidade, antes né, tem comércio, tem tudo que procura acha, condução, transporte, tem tudo aqui pra mim, pensei até agora em sair, de uns tempos pra cá, pensei em sair quando fiquei sozinha, mas, achei que se eu sáísse daqui eu ia me arrepender, porque aqui eu me sinto tranquila, embora a violência seja forte agora aqui, mesmo, não que não tivesse já há mais tempo, mas agora já tá atingindo mais pessoas né, os jovem principalmente, mas eu ainda, ainda me sinto segura aqui, sendo moradora daqui, daqui onde eu moro ainda me sinto, que ainda posso continuar aqui, a minha vida aqui. [...] Eu me sinto segura em parte, no meu canto como se diz, não pra sair na rua, já não saio mais qualquer hora, já cuido a hora de ir no mercado, tudo isso por causa da violência eu já tenho um maior cuidado, que eu não tinha quando as crianças eram pequenas né, agora sim, mudou muito, mudou muito, mudou bastante. É, toda essa juventude que veio agora, que tá vindo, já é diferente, não é a da antiga, então já mudou muito as coisas, incidente que acontece né, que tá acontecendo muito aqui no bairro, já mudou muito a coisa. (Relato de entrevista de uma moradora, obtido em trabalho de campo em 2014).

Nesse sentido, há uma série de discursos que se opõem, inclusive dentro do próprio conjunto habitacional, enquanto alguns moradores tem um sentimento de insegurança, mesmo que em parte, também há moradores que se sentem muito confortáveis dentro do lugar e questionam as falas que atribuem uma forte violência ao bairro, como o relato de uma comerciante que mora e trabalha no conjunto habitacional e afirma

Mas, assim, negócio de assalto, que muitas pessoas falam que tem assalto no Rubem Berta, isso não existe, existe outras coisas né, mas, assim, dizer assim: - Ai eu tenho que fechar a minha loja porque tem toque de recolher? Eu tô aqui há 25 anos, nunca aconteceu de alguém chega aqui na minha porta e dizer - Tu tem que fechar o teu comércio, tu entendeu? Aqui o pessoal trabalha até tarde da noite, tem supermercado que tem até caixa eletrônico dentro do supermercado, se tu for ali quase dez horas da noite tá aberto o mercado [...] (Relato de entrevista de uma moradora, obtido em trabalho de campo em 2014).

No entanto, na maioria dos relatos de moradores não-locais, mas que de alguma maneira tinham contato com pessoas do Conjunto Residencial Rubem Berta, estes expressavam, em um primeiro momento, a questão da violência e das carências que afligem as pessoas que moram no Conjunto Residencial Rubem Berta. Na fala de uma professora que atua em uma escola no entorno afirma que

Eu achava um bairro bem tranquilo, só que agente tá com bastante questão de violência no bairro né, tem pessoas sendo mortas, aparecendo ... Então isso tá muito forte assim pra gente que trabalha aqui e que muitas vezes mora em outros bairros e tem que vim pra essa realidade. No momento eu tô bem assustada. [...] Enfim, agora isso tá aflorado na gente, nos alunos, trazendo várias questões de violência, nesse momento, até então eu não tinha uma visão assim né [...]. (Relato de entrevista de uma moradora, obtido em trabalho de campo em 2014).

Alguns relatos não-locais expressaram , assim como em relatos locais, a necessidade de adaptação de percursos dentro do bairro, de mudança de hábitos, como o relato de uma professora, que afirma

[...] isso, então, tá fazendo com que eu esteja reconstruindo o que eu pensava do bairro, porque, desde os tempos que eu estou aqui aconteceram alguns fatos isolados de violência, mas, no último mês tá bem, assim, bem complicado, antes eu não tinha medo, eu achava tranquilo, eu fazia compras nos bairros, nos supermercados da região, agora circulo o mínimo possível, procuro vir de carro, porque de ônibus passa bem na parte violenta. Então tá, tá um pouco difícil. (Relato de entrevista de uma moradora não-local, obtido em trabalho de campo em 2014).

Todavia, houve narrativas de moradores não-locais que não expressaram um sentimento topofóbico em relação ao Conjunto Residencial Rubem Berta, como uma funcionária que ao se referir ao conjunto habitacional afirma

Eu moro na zona norte, aqui o bairro até ser locada pra cá eu nunca tinha vindo antes, pra esses lados ainda. Tem fama assim de que é um bairro violento, é o bairro do Território da Paz, aquelas coisas que deixa agente assustado, mas, durante o dia é um bairro normal, eu não sei o que acontece durante a noite, durante o dia aqui é muito tranquilo. [...] É muito tranquilo assim, o pessoal é muito bacana, contradiz o que tu ouve que são exceções né. (Relato de entrevista de uma moradora não-local, obtido em trabalho de campo em 2014).

Portanto, se percebe a partir dos relatos que há uma temporalidade da manifestação de violência, ou seja, há momentos em que estas práticas afloram, como nos períodos noturnos, mas também, como foi afirmado no relato de uma liderança, em “ciclos de 4 e, as vezes, 5 anos”, que se referem as disputas por pontos de tráfico de drogas. Nesse sentido, considera-se importante afirmar que este sentimento topofílico não se apresenta estável, ele varia no tempo/espaço, como pode ser constatado nos relatos que revelaram um cuidado em evitar certos percursos dentro do conjunto habitacional, tanto por parte de relatos locais, como não-locais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho permitiu uma discussão teórico-metodológica que envolveu a noção de geografismo, lugar, paisagem e discursos, empregando-os na leitura do Conjunto Residencial Rubem Berta, um bairro de periferia, refletindo sobre a importância da Geografia não apenas na desconstrução de estereótipos, de estigmas e evidenciando a necessidade de um aprofundamento da compreensão do lugar e da paisagem como diversidade/pluralidade, tendo na abordagem cultural a possibilidade de múltiplas leituras.

O Conjunto Residencial Rubem Berta se constitui sobre um emaranhado de ideias e percepções de pessoas que o (re)conhecem como um espaço vivido e, por outro lado, de ideias de pessoas que tem acesso apenas a representação deste lugar. Pôde-se perceber que os estigmas atribuídos aos moradores provoca um incômodo nestes e, por vezes, eles procuram argumentar na tentativa de explicá-lo ou questioná-lo.

As recordações da época da ocupação do Conjunto Residencial Rubem Berta por parte de moradores e lideranças trazem histórias de luta, de sobrevivência, de resistência, de pessoas que viram na união um elemento que possibilitou suas conquistas. Como se percebe nos relatos que afirmam a existência de laços de amizades que se mantêm vivos até hoje.

Os moradores do conjunto habitacional não o percebem apenas através de experiências topofílicas, diferentemente do que foi inferido no início deste trabalho, mas sim, coexistem experiências topofílicas juntamente com experiências topofóbicas, entretanto, estas experiências apresentam uma variação espacial e temporal que se alternam de acordo com as ondas de violência no bairro, ou seja, variam entre os diferentes lugares dentro do conjunto habitacional e entre períodos noturnos e anuais.

Os relatos não-locais expressaram, em sua maioria, apenas experiências topofóbicas com relação ao lugar, evidenciando sentimentos de insegurança, de medo e de desamparo no conjunto habitacional. Todavia, houveram relatos não-locais que afirmaram, ainda que em uma minoria, experiências topofílicas, de

peças que tinham relações de afeição com os moradores do bairro ou por se tratar de ser o ambiente de trabalho desses indivíduos.

As análises das topofilias e topofobias demonstraram que o Conjunto Residencial Rubem Berta pode ser apreendido por múltiplos olhares, vivências, grafias, de pessoas que se empenham em escrever suas histórias. Esse conjunto habitacional é, ao mesmo tempo, repleto de carências e manifestações de violências, mas também é grafite, arte, cultura do rap, resistência e luta.

6 REFERÊNCIAS

- Andrews, G. 2008. *Slow Food Story: politics and pleasure*. London: McGill-Queens University Press.
- Apple, M. 1996. Consumindo o outro: branquidade, educação e batatas fritas baratas. In: Costa, M. V. (org.). *Escola Básica na Virada do Século*. São Paulo, Cortez, p.: 25-43.
- Arendt, H. 1985. *Da violência*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília.
- Azevedo, P.R. 2002. *Passageiros da ilegalidade: a história de uma luta pela moradia*. Cascavel, Edunioeste.
- Bauman, Z. 2009. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Besse, J.M. 2006. Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo, Perspectiva.
- Bossé, M.L. 2004. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: Corrêa, R. L. & Rosendahl, Z. (orgs.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p.: 157-179.
- Caldeira, C. 1956. *Mutirão: formas de ajuda mútua no meio rural*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Claval, P. Apresentação. 2007. In: Kozel, S., Silva, J.C., Gil Filho, S.F. (orgs.). *Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo, Terceira Imagem; Curitiba, NEER, p.: 9-14.
- Duncan, J. 2004. A paisagem como sistema de criação de signos. In: Corrêa, R.L. & Rosendahl, Z. (orgs.) *Paisagens, textos e identidades*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p.: 90-132.
- Gamalho, N.P. 2011. Remover para promover: Espaço concebido e representações do espaço no bairro Restinga – Porto Alegre/RS. *GEOgraphia*, v. 12. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/327>>. Acesso em 10 nov 2014.
- Gamalho, N.P. & Heidrich, A.L. 2011. Periferia: A Produção Do Espaço e Representações Sociais no/do bairro Restinga – Porto Alegre/RS. *Para Onde!?*, v. 2. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/22077/12840>>. Acesso em: 10 nov 2014.
- Heidrich, A.L. 2008. Sobre nexos entre espaço, paisagem e território em um contexto cultural. In: Serpa, A. (org.). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador, EDUFBA, p.: 293-311.
- Ianni, O. 2004. *Capitalismo, violência e terrorismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 2011. *Base de informações do Censo Demográfico 2010: Resultados do Universo por setor censitário*. Rio de Janeiro, Centro de Documentação e Disseminação de Informações.

Kosik, K. *Dialética do concreto*. Neves, C. & Toríbio, A. (trads.). São Paulo, Paz e Terra.

Lacoste, Y. 1988. *A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. França, C.M. (trad.). São Paulo, Papirus.

NEP – Núcleo de Estudos e Projetos. 2005. *Dasgaragens: (about garages)*. Produção de Julia Aguiar, Sabrina Motta e Fernanda Dallarosa; Fotografia: Diógenes de Moraes; Pesquisa: Douglas Aguiar; Arte Gráfica: Letícia Utermoehl, Márcio Domingues, Sabrina Motta; Realização NEP, Departamento de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre. 1 DVD (45 min), son., col.

Odalía, N. 2012. *O que é violência?* 6 ed. São Paulo, Brasiliense.

Oliveira, L. 2012. O Sentido de Lugar. In: Mandarola JR., E. Holzer, W.; Oliveira, L. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo, Perspectiva, p.: 3-16.

Oliven, R.G. 1986. *Violência e cultura no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro, Vozes.

Pires, C.L.Z., Simão, A.R.F., Pozzer, K.M.P. 2013. Representações espaciais, juventude e periferia: Guajuviras/Canoas/RS e seus desafios urbanos. *FSA*, 10:118-138.

Relph, E. 1979. As bases fenomenológicas da geografia. *Geografia*, Rio Claro, 4:1-25.

Relph, E. 2012. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: Mandarola JR. E., Holzer, W., Oliveira, L. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo, Perspectiva, p.: 17-32.

Rigatti, D. 1999. Conjunto Residencial Rubem Berta: Ordem Projetual e Transformações Morfológicas. *Paisagem e Ambiente: ensaios*, 12:69-149.

Rocha, D. & Deusdará, B. 2005. Análise do conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *Alea*, 7:305-22.

Santos, M. 2011. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, BestBolso.

Santos, M.A.F. 2013. Violência urbana em Uberlândia/MG: uma pesquisa a partir do discurso dos moradores. In: Marafon, G.J. et al. (orgs.). *Pesquisa qualitativa em Geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p.: 327-359.

Serpa, A. 2007. Culturas transversais: um novo referencial teórico-metodológico para a Geografia Humanista e Cultural. In: Kozel, S., Silva, J.C., Gil Filho, S.F. (orgs.). *Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo, Terceira Imagem; Curitiba, NEER, p.: 36-56.

Serpa, A. 2011. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In: Carlos, A.F.A., Souza, M.L., Sposito, M.E.B. (orgs.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo, Contexto, p.: 97-108.

Silva, J.M. 2009. Análise do discurso e pesquisa qualitativa em Geografia. In: Ramires, J.C.L.; Pessoa, V.L.S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, p.: 91-122.

Souza Júnior, X.S.S. 2013. O discurso do medo e sua influência na geografização das práticas de violência. In: Marafon, G.J. et al. (orgs.). *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas*. Rio de Janeiro, EdUERJ, p.: 289-304.

Souza, M.L. 2012. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: Castro, I.E., Gomes, P.C.C., Corrêa, R.L. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 15 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, p.: 77-116.

Suertegaray, D.M.A. 2000. Espaço uno e múltiplo. In: Suertegaray, D.M.A.; Basso, L.; Verdum, R. (orgs.). *Ambiente e lugar no urbano: a grande Porto Alegre*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, p.: 13-34.

Tavares dos Santos, J.S., Teixeira, A.N., Russo, M. (orgs.). 2011. *Violência e cidadania: práticas sociológicas e compromissos sociais*. Porto Alegre, Editora da UFRGS.

Tavares dos Santos, J.S. 2009. *Violências e conflitualidades*. Porto Alegre, Tomo Editorial.

Tuan, Y. F. 2012. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Oliveira L. (trad.). Londrina, Eduel.

Tuan, Y.F. 1983. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Oliveira, L. (trad.). São Paulo, DIFEL.

Tuan, Y.F. 1982. Geografia Humanística. In: Christofolletti, A. *As perspectivas da Geografia*. São Paulo, DIFEL, p.: 143-164.

Žižek, S. 2014. *Violência: seis reflexões laterais*. Pereira, M.S. (trad.). São Paulo, Boitempo.